

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**  
**ALESSANDRA MUSTAFA DA SILVA CORREIA**

**A REFERENCIAÇÃO COMO ELEMENTO DE COESÃO E CONSTRUÇÃO DE  
SENTIDOS NO TEXTO**

**Rio Branco – Acre**  
**2015**

**ALESSANDRA MUSTAFA DA SILVA CORREIA**

**A REFERENCIAÇÃO COMO ELEMENTO DE COESÃO E CONSTRUÇÃO DE  
SENTIDOS NO TEXTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Federal do Acre – UFAC, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Professor Doutor Alexandre Melo de Sousa

**Rio Branco – Acre**

**2015**

## **ALESSANDRA MUSTAFA DA SILVA CORREIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Federal do Acre – UFAC.

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa

Orientador – Universidade Federal do Acre – UFAC

Profa. Dra. Tatiane Castro dos Santos

Membro interno – Universidade Federal do Acre – UFAC

Prof. Dr. Expedito Eloisio Ximenes

Membro externo – Universidade Estadual do Ceará - UECE

Profa. Dra. Lindinalva Messias do N. Chaves

Suplente – Universidade Federal do Acre

Aprovada em: 14 /08 /2015

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

C824r Correia, Alessandra Mustafa da Silva, 1978-

A referência como elemento de coesão e construção de sentidos do texto / Alessandra Mustafa da Silva Correia. – 2015.

77 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, Programa de Mestrado em Língua Portuguesa, 2015.

Inclui referências bibliográficas e anexos.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa.

1. Coesão textual. 2. Ensino de português. 3. Linguística. I. Título.

CDD: 806.90

---

*Aos professores de Língua Portuguesa.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me fortalecer em todos os instantes de minha vida.

À CAPES, pela ajuda financeira.

Ao Profletras, por proporcionar essa oportunidade aos professores de língua portuguesa.

À UFAC, por aceitar o programa em seu currículo.

Aos meus pais, Zequinha e Nazira, pela compreensão da minha ausência em suas vidas.

Ao meu filho Bruno, e ao meu esposo Ociro, pela paciência e incentivo.

Aos meus irmãos, Auxiliadora, Leila e Patrício, pelo apoio e confiança.

Aos meus amigos: Edilene, Vitor, Janisléia, Hadhianne, Evanilza e Mariete que muito me ajudaram nessa conquista em minha vida.

Ao meu orientador, Professor Dr. Alexandre Melo de Sousa, por suas dicas e paciência.

Aos professores e colegas do Profletras, da Universidade Federal do Acre, pelas aulas e discussões proveitosas.

Aos membros da Comissão Examinadora na qualificação, Professora Dra. Silvana Maria Calixto de Lima e na defesa, Professores Dr. Expedito Eloísio Ximenes e Dra. Tatiane Castro dos Santos, pelas significativas contribuições.

À minha chefe, Maria Luiza, pela compreensão e pelo apoio moral, emocional.

Às minhas amigas de graduação: Alcilene, Alexandra, Andréia, Fabiola, Glayce, Laelia e Marcia, pelo carinho e refúgio.

Aos meus irmãos da igreja, pelas orações.

“Posso todas as coisas naquele me fortalece”.

(Filipenses 4, 13).

## RESUMO

CORREIA, Alessandra. **A Referenciação como Elemento de Coesão e Construção de Sentidos no Texto**. 2015. 77 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, 2015.

Neste estudo realizamos uma pesquisa bibliográfica acerca da referenciação e sua função como elemento de coesão e construção de sentidos no texto, e apresentamos uma proposta de intervenção para trabalhar com a anáfora direta. Para tanto, apresentamos um breve discussão sobre texto, considerando os conceitos de Val (2004), Beaugrande e Dressler (*apud* MARCUSCHI, 2008), dentre outros. Dando continuidade observamos as definições de Cavalcante (2011), Koch (2013) e Marcuschi (2005 e 2008) a respeito do processo de referenciação, tido como elemento de coesão e de construção de sentidos no texto. A presente pesquisa se justifica por apresentar um referencial teórico sobre o tema da referenciação e, em seu último capítulo, uma proposta de intervenção metodológica, tendo como aporte a lousa digital interativa/quite multimídia, a fim de subsidiar os professores de língua portuguesa no trabalho da anáfora direta com os alunos do 9º ano do ensino fundamental.

**Palavras-chave:** Referenciação. Coesão Textual. Anáfora Direta.



## ABSTRACT

CORREIA, Alessandra. **A Referenciação como Elemento de Coesão e Construção de Sentidos no Texto**. 2015. 77 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, 2015.

In this study we performed a literature search on the referencing and its role as an element of cohesion and construction of meaning in the text and presented a proposal for intervention to work with the direct anaphora. To this end, we present a brief note on the text considering the concepts of Val (2004), Beaugrande and Dressler (cited Marcuschi, 2008), among others. Continuing observe the Cavalcante settings (2011), Koch (2013) and Marcuschi (2005 and 2008), which discusses the issue of benchmarking as an element of cohesion and sense of construction in the text. This work is justified by presenting a theoretical framework on the subject of the referral and, in his last chapter, a proposal for a methodological intervention, with the contribution to interactive digital whiteboard / Multimedia quite in order to support Portuguese-speaking teachers at work direct anaphora with students of the 9th grade of elementary school.

**Keywords:** Referencing. Textual Cohesion. Direct Anaphora.

## LISTA DE TABELAS

Esquema 01: Textualização .....	18
Esquema 02: Tipos de Coesão I.....	23
Esquema 03: Referência .....	31
Esquema 04: Tipos de Coesão II.....	32
Esquema 05: Forma de Coesão Referencial .....	37
Esquema 6: Referência Pronominal .....	38
Esquema 07: Ligações do Significado.....	39
Esquema 08: Processos Referenciais .....	42
Esquema 09: Anáfora Direta.....	43
Esquema 10: Princípio Semântico Geral.....	51

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 .....	64
----------------	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 TEXTO E REFERENCIAÇÃO</b> .....	14
1.1 Linguística Textual .....	16
1.2 Coesão Textual.....	21
1. 3 A Referenciação.....	33
1.3.1 Anáfora Direta .....	42
1.3.2 Anáfora Indireta .....	45
1.3.3 Anáforas Encapsuladoras.....	51
1.3.4 Dêixis .....	54
<b>2 ASPECTOS METODOLÓGICOS E PROPOSTA DE INTERVEÇÃO</b> .....	60
2.1 Aspectos Metodológicos .....	60
2.2 Proposta de Intervenção .....	66
2.3 Sugestão para o Uso da Lousa Digital/Quite Multimídia.....	69
2. 4. Considerações Finais .....	72
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	75

## INTRODUÇÃO

A análise linguística aliada ao texto ainda é uma das dificuldades para o ensino de língua portuguesa. Partindo dessa inquietação e observando no texto dos nossos alunos a dificuldade de utilizar os referentes de forma adequada, vimos no processo de referenciação uma maneira de minimizar essa falha, trabalhando no texto os referentes a fim de que esses possam ser utilizados como elemento de coesão que proporciona o encadeamento das ideias e a construção de sentido no texto.

Esse processo envolve alguns temas como: anáfora direta, anáfora indireta, anáfora encapsuladoras, dêixis. Então, o presente trabalho apresenta análise do que falam diferentes autores sobre o tema referenciação, e como nós, enquanto professores, meditamos no texto, com os nossos alunos, o processo de se referir a algo que já foi mencionado. O que nos motivou também a escolha por esse tema foi por se tratar de um assunto pouco desenvolvido nas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental.

Nosso objetivo com a busca e análise de teorias acerca do tema é entender melhor o processo de referenciação e propor uma intervenção metodológica que envolva a anáfora direta como elemento de coesão na produção textual, o que é de grande relevância para o trabalho docente.

Para tanto, esta dissertação está dividida em dois capítulos, os quais passam a ser descritos a seguir, enfatizando-se a temática que tratam e os pontos principais de cada um.

No primeiro capítulo, apresentamos o subsídio teórico sobre o tema referenciação, sob a perspectiva de teóricos dessa área de estudo, cujas ideias são descritas ao longo do texto. No subtítulo inicial, temos uma abordagem sobre o conceito de texto com as contribuições de Val (2004), que entende texto como sinônimo de discurso, e introduz o texto também no âmbito da fala, da mesma forma entendido como uma unidade semântica.

Dando continuidade às considerações sobre texto, apresentamos Koch (2013), que observa o texto no que diz respeito aos elementos linguísticos, semânticos e a sua cognitividade. No entanto, a autora traz à discussão algo novo, a interação comunicativa, na qual o texto está inserido.

Para Marcuschi (2008), texto é um processo de produção, e não algo pronto e acabado. O texto depende tanto de quem escreve quanto de quem lê/ouve, devendo ser observados aspectos linguísticos e pragmáticos. Portanto, introduzindo na dissertação em questão, a linguística textual, a qual é considerada por Fávero (1991) como ciência da estrutura e do funcionamento dos textos.

No subtítulo que nomeamos de “Coesão textual”, incluímos as contribuições de Marcuschi (1983) sobre o tema em que expõe os fatores de coesão como os que dão conta da sequenciação superficial do texto. Esses elementos estão presentes no texto pra estabelecer uma relação de sentido.

Corroborando com o autor acima, temos as considerações de Koch (2013), que apresenta coesão como o feito responsável pela acomodação das palavras na superfície do texto, com o objetivo de torná-lo, com ajuda dos recursos linguísticos empregados, um todo com sentido.

Ainda sobre o conceito de coesão, expusemos as ideias de Fávero (1991), quando fala sobre a coesão que se dá de três maneiras: coesão referencial, coesão recorrencial e coesão sequencial *strictu sensu*.

Demos continuidade às discussões no tópico “Referenciação”, no qual trouxemos a contribuição de Cavalcante (2011). A autora faz uma abordagem primeiramente do que significa referente, para, em seguida, expor sobre o processo de referenciação, o que, de acordo com a autora, proporciona a progressão textual com elementos de dentro ou de fora do texto.

Outros autores também falam com propriedade sobre o assunto, como por exemplo: Marcuschi (2008), que observa referenciação como forma de organização dos significados ou referentes no interior do texto, a qual está dividida em duas maneiras: formas remissivas não referenciais e formas remissivas referenciais. Citamos, também Adam (2011), quando fala sobre referenciação como um tipo de unidade textual de base, isto é, uma maneira de manter a ligação entre o texto.

Expusemos nessa subseção as anáforas diretas, anáforas indiretas, anáforas encapsuladoras e a dêixis. Marcuschi (2005) assinala ainda as anáforas diretas e indiretas; as contribuições de Cavalcante (2011), caracterizando as anáforas indiretas e as anáforas encapsuladoras; e os apontamentos de Cornish (*apud* MARCUSCHI 2005), de que dêixis significa deslocar o foco de atenção do endereçado de um objeto de discurso existente para um novo.

No segundo capítulo, expomos os procedimentos metodológicos. Iniciamos discorrendo sobre nossos estudos que, quanto à forma, se adéquam às características de pesquisa exploratória, pois buscamos sobre o assunto, em variadas referências bibliográficas. Depois da análise desse referencial teórico, elaboramos uma proposta de intervenção metodológica, a qual consiste em trabalhar um dos elementos que envolvem o processo de referenciação, as anáforas diretas.

Neste capítulo, ainda, apresentamos a proposta de intervenção metodológica. Essa sugestão apresenta como trabalhar as anáforas diretas com os alunos do 9º ano do ensino fundamental, utilizando como recurso de aprendizagem, a lousa digital. Segue também, o roteiro do uso desta para aula sobre anáfora direta e o vídeo com a amostra da aula.

Nas considerações finais, retomamos os pontos principais da nossa pesquisa no que diz respeito à teoria, bem como comentamos sucintamente nossa proposta de intervenção metodológica e suas possíveis adaptações para outras séries.

## 1 TEXTO E REFERENCIAÇÃO

De acordo com a etimologia, a palavra “texto” vem do latim *textum* que quer dizer “tecido, entrelaçamento”. A partir disso, texto é um tecido devidamente composto por seus fios, cada um sobreposto ao outro em uma sucessão de encadeamentos formando um todo. Castro (s/d *apud* J. Cândido Martins, 1996) afirma que:

Assim, tanto se pode dizer que tecer é escrever, como escrever é tecer. Em ambos os casos, o resultado é o mesmo: um tecido ou uma tessitura; apenas variam os materiais: dum lado, os fios do tecido; do outro, os fios das palavras.

Para Val (2004, p. 03), “texto ou discurso é a ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. Antes de tudo, um texto é uma unidade de linguagem em uso”. Temos, com isso, novas contribuições para o conceito de texto, pois, segundo a autora, entende-se que, texto seja sinônimo de discurso. A partir disso, o âmbito da fala também é introduzido como texto, o qual é apresentado, ainda, como uma unidade semântica com eficácia comunicativa.

Segundo Beaugrande (*apud* MARCUSCHI, 2008, p. 72), “o texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”. É dito pelo autor, assim como fala Val (2004), que encontramos no texto elementos sociais - e por se tratar de elemento de comunicação está presente em todas as esferas da sociedade - e linguísticos porque é composto por palavras, frases e períodos devidamente concatenados.

Entre outras concepções, desta vez trazidas por Beaugrande e Dressler (*apud* KOCH, 1997, p. 72), o termo texto é uma ocorrência comunicativa que envolve alguns critérios de textualidade, que podem ser fatores linguísticos: coesão e coerência, centrada no texto; e fatores pragmáticos: intencionalidade, aceitabilidade, intertextualidade, situacionalidade e informatividade, centrados no usuário. Segundo esses autores, o texto, para ser bem constituído, precisa conter esses sete fatores apresentados, caso contrário, passa a ser uma sequência de frases soltas.

Contribuição importante também acerca do conceito de texto foi a de Roland Harweg (*apud* KOCH, 1997, p. 70), que conceitua texto como “uma sucessão de unidades linguísticas constituída por uma cadeia de pronominalizações ininterruptas”.

Segundo Koch, essa pronominalização é o fenômeno do referenciamento. Para a eficácia dessa cadeia de pronominalização é necessário uma boa articulação com as palavras.

Segundo Koch (2013, p. 27), texto é tido:

[...] como uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos coenunciadores, durante a atividade verbal, de modo a permitir-lhes, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.

Na sua contribuição a autora observa o texto em alguns aspectos com certa unidade em relação aos demais autores apresentados até agora, especialmente no que diz respeito aos elementos linguísticos, semânticos e à cognitividade no texto. No entanto, a autora traz à baila algo novo, que vem a ser a interação comunicativa na qual o texto está inserido.

Corroborando com essa ideia de que texto é também interação social, Cavalcante (2011, p. 17) diz que texto é uma construção que cada um faz a partir da relação que se estabelece entre enunciador (autor), sentido/referência e coenunciador (leitor), num dado contexto sociocultural.

Para Antunes (2010, p. 30), “todo texto é a expressão de algum propósito comunicativo”. Isto é, todo texto tem como principal finalidade a função comunicativa. E, partindo desse princípio de que o texto é uma expressão da atividade social, nos remete ao dialogismo<sup>1</sup> bakhtiniano, conceito sobre o qual não cabe aqui discorrermos, mas é importante ressaltar o aspecto do outro presente no texto por meio de suas inferências cognitivas. Se há interação, compreende-se autor e leitor.

Nesse sentido, a construção, bem como a compreensão de um texto, envolvem vários aspectos do conhecimento como, por exemplo, informações oriundas do leitor, aspecto cognitivo, conhecimento de mundo, de textos modulares e conhecimento sociointeracional.

---

<sup>1</sup> Conceito discutido por Beth Brait: “dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos”. (BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: —. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997).



Corroborando com essa perspectiva, Bentes e Leite (2010, p. 228) afirmam:

[...] o texto é a unidade funcional que não somente *permite a interação*, como também viabiliza *diversas formas de representar o mundo*, de transformá-lo e de, a um só tempo, reconstruir-se a partir dessa dinâmica emergência dos sentidos, que envolve toda espécie de heterogeneidades enunciativas. (Grifo nosso).

O texto passou a ser elaborado e reelaborado a partir das várias situações comunicativas. E é sob a perspectiva de que o texto é um elemento de interação que vamos discorrer, observando o texto no âmbito de alguns fatores que envolvem a sua textualidade, no sentido da análise linguística, como, por exemplo, as marcas de coesão presentes no texto.

Antes de entrarmos na questão de coesão, principal interesse deste trabalho, vamos apontar o que dizem alguns autores sobre Linguística Textual.

### **1.1 Linguística Textual**

Iniciemos com o que diz Marcuschi (1983, p. 12-13) sobre essa junção do texto com a linguística, mesmo que seja, segundo o autor, uma “definição provisória”:

Proponho que se veja a linguística do texto, mesmo que provisória e geneticamente, como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos e orais.

Através do que se diz no fragmento acima, percebemos o surgimento de uma nova área de estudo, a linguística textual - LT. Observamos, segundo o autor, que essa análise é de tentar compreender a estrutura e funcionamento do texto e como se comporta a gramática dentro desses textos, que antes era trabalhada de forma fragmentada, com palavras soltas, e passa a ser vista com essa nova concepção, a partir do texto. Ainda sobre a citação, a linguística textual abrange a organização das palavras e das ideias do texto, trazendo, assim, para a análise fatores de coerência e de coesão, bem como o funcionamento do texto com os fatores pragmáticos.

A partir desses fatores, observa-se que os estudos tradicionais gramaticais que observam a análise linguística, ressaltando apenas nomenclaturas e classificação gramatical, são considerados atualmente, como insuficientes para o ensino de língua materna, pois este vai além de simples classificações e terminologias.

Conforme o conceito, o texto para ser realmente considerado um texto, necessita conter um conjunto de fatores linguísticos e pragmáticos. Dessa forma, Marcuschi (2008) contribui dizendo que é necessário obedecer a um conjunto de critérios de textualização, fazendo algumas ressalvas ao modelo de Beaugrande e Dressler. Vejamos Marcuschi (2008, p. 94):

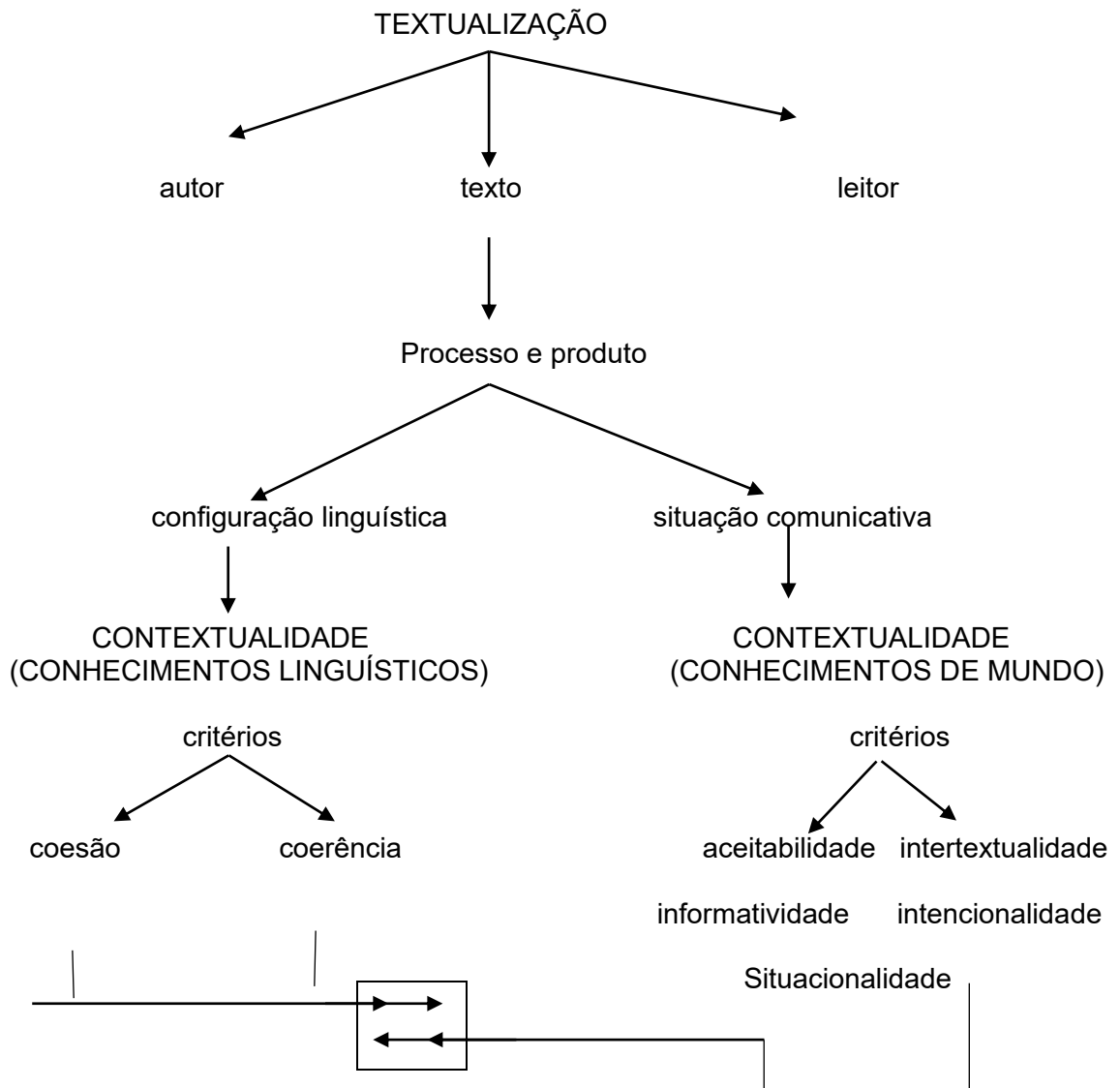
[...] o texto não é apenas um sistema formal e sim uma realização linguística a que chamamos de evento comunicativo e que preenche condições não meramente formais. Um texto é uma proposta de sentido e ele só se completa com a participação do seu leitor/ouvinte.

É sob esse aspecto de que texto é um evento comunicativo que o autor propõe os seguintes fatores de textualidade (MARCUSCHI, 2008, p. 95):

- a) aspectos linguísticos (o ato da fala verbalmente produzido);
- b) aspectos sociais (situação sócio-histórico); e aspectos cognitivos (conhecimentos).

Com o objetivo de materializar os seus aspectos de textualização, Marcuschi (2008, p. 96) propõe o seguinte esquema:

### Esquema 01: Textualização



Fonte: (MARCUSCHI, 2008, p. 96).

Observando o esquema de Marcuschi (2008), percebemos que o autor concebe o texto como um processo de produção, e não algo pronto e acabado. O texto depende tanto de quem escreve quanto de quem lê/ouve. No decorrer do processo de produção, têm-se dois critérios que são:

- a) os conhecimentos linguísticos, nos quais estão a coesão e a coerência, ligados diretamente com quem escreve (autor) o texto.
- b) a situação comunicativa que envolve o conhecimento de mundo, o leitor etc.

Fato interessante no esquema apresentado, ocorre quando os dois critérios se imbricam formando um todo.

Ainda sobre linguística textual, Fávero (1991, p. 05) afirma que “o surgimento da nomenclatura ‘linguística textual’, como ciência da estrutura e do funcionamento dos textos, começou a desenvolver-se na década de 1960 na Europa, especialmente na Alemanha”. A autora diz, também, que a “origem do termo linguística textual encontra-se em Cosériu (1955), embora no sentido que lhe é atualmente atribuído, tenha sido empregado pela primeira vez por Weinrich”.

A pesquisadora esclarece que o surgimento da LT se deu em decorrência das lacunas deixadas pela gramática de frases no que diz respeito à referência, concordância de tempos verbais que somente são compreendidos partindo da análise do texto em determinadas situações de interação social. Essa linha de estudos envolve fatores linguísticos que somente a análise na frase não dava conta de responder, por exemplo, fatores sintáticos e semânticos que ocorrem em determinados enunciados voltados para a construção do sentido do texto.

Contribuição bastante significativa para Linguística Textual é o que fala Koch (1991, p. 58):

A Linguística do Texto é constituída de princípios e/ou modelos cujo objetivo não é predizer a boa ou má formação dos textos, mas permitir representar os processos e mecanismos de tratamento dos dados textuais que os usuários põem em ação quando buscam compreender e interpretar uma sequência linguística estabelecendo o seu sentido e, portanto, calculando sua coerência.

De acordo com a citação acima, a linguística textual tem como elemento norteador a análise das estratégias utilizadas na construção dos textos, sem se preocupar em dizer se está “certo” ou “errado”, e nem de postular regras para uma boa construção do texto. O objetivo é a compreensão da disposição linguística que foi usada e qual seu efeito de sentido.

Ainda de acordo com a autora, o objeto de estudo da linguística textual passa a ser, então, o texto e não mais as palavras ou frases soltas. Isso porque o homem se comunica através dos textos e, este, por sua vez, não é composto por uma quantidade de frases e palavras e sim por um todo unido através de sentidos.

Contudo, os estudos voltados para a LT continuaram avançando, e o que antes tinha como objeto de estudo basicamente a análise transfrástica, de maneira

que observava prioritariamente os aspectos relacionados à coesão e à coerência no contexto, evoluiu. Então, vejamos em que se fundamentaram os estudos da LT ao longo dos tempos, segundo Koch (2015, p. 12):

- a) texto como frase complexa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico (concepção de base gramatical);
- b) texto como signo complexo (concepção de base semiótica);
- c) texto como expansão tematicamente centrada de macroestruturas (concepção de base semântica);
- d) texto como ato de fala complexo (concepção de base pragmática);
- e) texto como discurso “congelado”, como produto acabado de uma ação discursiva (concepção de base discursiva);
- f) texto como meio específico de realização da comunicação verbal (concepção de base comunicativa);
- g) texto como *processo* que mobiliza operações e processos cognitivos (concepção de base cognitivista);
- h) texto como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos (concepção de base sociocognitiva-interacional).

Percebemos que, em um dos sucintos conceitos mencionados acima, surgiu o que foi nomeado por alguns autores como “virada cognitivista”, em que, segundo Beaugrande & Dressler (*apud* KOCH, 2015, p. 34), “o texto é originado por uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas, um documento de procedimento de decisão, seleção e combinação”.

Dessa forma, observamos o texto seguindo o princípio de que sua existência e compreensão dependem também do leitor (cognitivo), este precisa necessariamente ter embasamento de diversos tipos de conhecimento, para que possa, a partir desse armazenamento cognitivo, fazer suas inferências no texto. Essas deduções realizadas pelo leitor se dão por meio de estratégias cognitivas de conhecimento que fazem parte do cotidiano das pessoas em seus episódios de interação.

Outro princípio que também gostaríamos de destacar é a concepção de base sociocognitiva-interacional, uma vez que, segundo Koch (2015, p. 42), muito da cognição acontece fora da mente do indivíduo, e são os resultados das interações e ações conjuntas por eles praticadas. Isto é, quando entendemos que para o texto é necessário também a presença do leitor, nesse sentido, há uma interação deste como o texto por meio de ações em determinados contextos sociais.

Destarte, a concepção interacionista, considera o texto como a própria interação social, pois, segundo Koch (2015, p. 44), essa interação dos indivíduos se dá por meio da linguagem “que constitui *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na forma de organização”, levando em conta a capacidade do leitor de fazer inferências no texto por meio desses elementos linguísticos presentes.

Assim, o texto é uma ocorrência sociocognitiva-interacionista, que envolve alguns fatores como, por exemplo, de caráter linguístico, cognitivo, sociocultural e interacional. Vejamos então, os critérios de textualidade que podem ser linguísticos:

- a) coesão e coerência, centrados no texto; e,
- b) os fatores pragmáticos: intencionalidade, aceitabilidade, intertextualidade, situacionalidade e informatividade, centrados no usuário, dito por Beaugrande e Dressler, citados anteriormente, são um fenômeno social, o qual depende das inferências do leitor para ter sentido completo.

As inferências dos fatores linguísticos são possíveis por expressões contidas na superfície do texto. Contudo, para que um texto seja coeso e com elementos de textualidade é necessária a organização dos elementos no interior do texto. É por isso que vamos discorrer sobre um dos fatores, no caso o linguístico, dos elementos de textualidade do texto, a coesão, do ponto de vista de como os elementos coesivos se relacionam no interior do texto, por meio da conectividade das palavras de maneira dependente e linear a fim de atingir esse ou aquele efeito de sentido observado na superfície do texto, e possibilitando o encadeamento das partes em busca de um todo coeso.

## **1.2 Coesão Textual**

Entendemos por coesão, o uso dos elementos responsáveis pelo entrelaçamento e a conexão de palavras ou frases formando um todo sequencial. Vejamos, nesta seção, o que dizem alguns autores sobre esse assunto.

Dentre as contribuições de Marcuschi (1983, p. 38) sobre coesão temos: “os fatores de coesão são aqueles que dão conta da sequenciação superficial do texto, isto é, os mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer, entre os elementos linguísticos do texto, relação de sentido”. Destarte, os elementos coesivos

contribuem para o encadeamento das ideias no interior do texto, estabelecendo uma relação de sentido entre as palavras e frases.

Corroborando com Marcuschi (1983), temos os subsídios de Koch (2013, p. 45) sobre coesão:

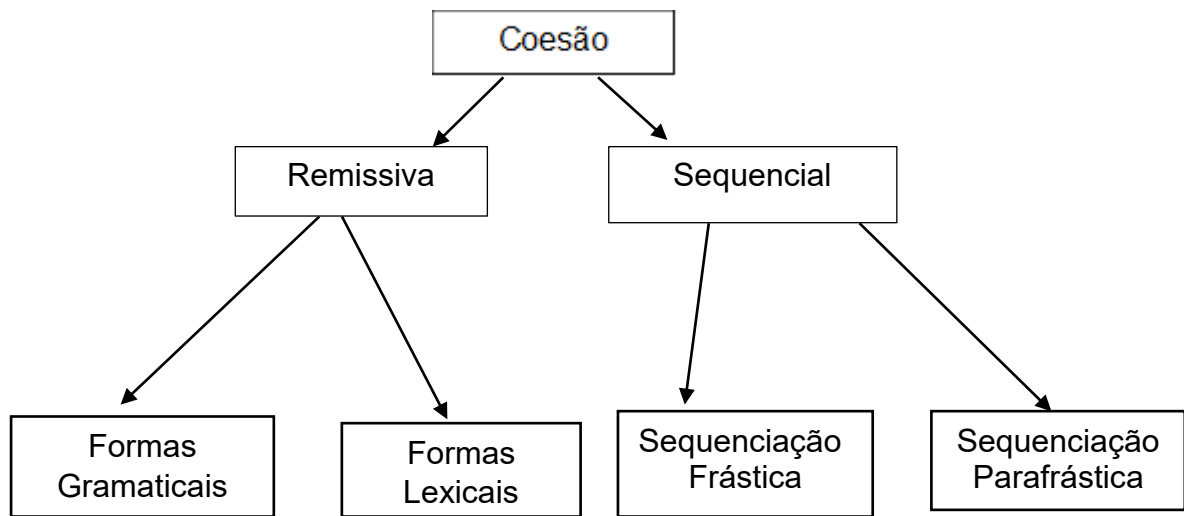
O fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos.

Temos, então, a coesão como o feito responsável pela ligação das palavras na superfície do texto, com o objetivo de torná-lo, com ajuda dos recursos linguísticos empregados, um todo com sentido. Sendo assim, o fenômeno citado pelos autores é um dos elementos que fazem com que um texto seja de fato um texto, e não um amontoado de frases.

Martelotta (2010, p. 95), que afirma: “A coesão pode ser definida como um conjunto de estratégias de sequencialização responsável pelas ligações linguísticas relevantes entre os constituintes articulados no texto”. A priori, destacamos coesão como um conjunto de “estratégias de sequenciação”, e a posteriori, o segmento “constituintes articulados” para ponderarmos sobre o que diz respeito à disposição e às escolhas das palavras no texto para que estas formem uma sequência com sentidos.

E, para que se alcance esse “sentido” almejado em um texto, Koch (2013, p. 15/27) apresenta os mecanismos de coesão textual, e através destes vão se tecendo o “tecido” (tessitura) do texto. São eles: a coesão remissiva ou referencial (referenciação, remissão) e a coesão sequencial (sequenciação). Vejamos:

## Esquema 02: Tipos de Coesão I



Fonte: (KOCH 2013, p. 15/27).

Conforme Koch (2013), a coesão textual se dá em duas grandes modalidades: a remissão/referenciação e a sequenciação. O primeiro grupo está relacionado ao léxico, quando utilizado com a função de retomar referentes, e o segundo envolve a conexão dos sentidos do texto. Observemos então, o que fala Koch (2013, p. 28) sobre coesão referencial:

Chamo, pois de *coesão referencial* aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro (s) elemento (s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro denomino *forma referencial* ou *remissiva* e ao segundo, *elemento de referência* ou *referente textual*.

Gostaríamos de frisar que a maneira como as palavras são dispostas no texto interfere na construção de sentidos, isso porque, segundo a pesquisadora, as informações semânticas nele contidas distribuem-se em duas partes: “o dado e o novo”.

A informação dada, como a conjugação verbal nos mostra, é algo que já foi dito no decorrer do texto, algo de que o “leitor” tenha conhecimento, que está, de acordo com a autora, na “consciência dos interlocutores”. Essa informação dada serve de suporte para novas informações. Contudo, existem formas coesivas referenciais nas quais o referente não está expresso, e precisa ser entendido a partir do



conhecimento de mundo do leitor através de suas inferências. Daí a diferença entre anáfora associativa, baseada no léxico, e anáfora indireta, com base nas inferências, que discutiremos na próxima seção.

Ainda sob a perspectiva da autora, a retomada da informação que já foi dada no decorrer do texto é realizada por meio da remissão ou referência textual, construindo, assim, as cadeias coesivas, que colaboram para a organização do texto, bem como produz sentido conforme a intenção de quem escreve (autor) o texto. Conforme (KOCH, 2013, p. 28):

A retomada da informação já dada no texto se faz por meio de remissão ou referência textual, formando-se destarte no texto de *cadeias coesivas*, que tem papel importante na organização textual, contribuindo para a produção do sentido pretendido pelo produtor do texto.

A remissão, como mencionado anteriormente, é algo que já foi dito e que está no consciente de quem leu o texto. No entanto, esse suporte coesivo também pode vir expresso no texto (escrito) e não somente na memória dos interlocutores, que por sua vez são ativadas a partir de pistas deixadas no texto. Depois de encontradas as pistas, o interlocutor reativa seus conhecimentos e faz inferências sobre o que leu tendo como suporte às informações dadas. A esse fenômeno Koch (2013, p. 28) denomina anáfora semântica ou anáfora profunda.

Essas pistas deixadas no texto para reativação como elemento coesivo são os referentes, que são realizados por meio de referência anafórica e catafórica, que, conforme Koch (2013, p. 46), podem se dar mediante formas gramaticais e lexicais. Em relação à forma gramatical:

Esse tipo de remissão pode ser efetuada por meio de recursos de ordem “gramatical” – pronomes pessoais de terceira pessoa (retos e oblíquos) e os demais pronomes (possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos, relativos), os diversos tipos de numerais, advérbios pronominais (como aqui, aí, lá, ali) e os artigos definidos; ou por intermédio de recursos de natureza lexical, como sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, descrições definidas; ou ainda por reiteração de um mesmo grupo nominal ou parte dele; e, finalmente, por meio da elipse.

As formas remissivas ou referenciais podem ser de ordem gramatical, como conferimos no fragmento acima. Essas formas de coesão, por meio de elementos

gramaticais, que, por sua vez, não fornecem ao texto qualquer instrução de sentido apenas estabelecem conexão entre os termos no texto. Essas formas gramaticais, segundo Koch (2013), podem ser presas ou livres.

As formas referenciais gramaticais presas são classificadas com este termo por estarem relacionadas estritamente com os modificadores, que no texto, pertencendo ou não à classe gramatical dos artigos, exercem tal função. Os artigos indefinidos são articulados no texto como elementos catafóricos, isto é, remetem a informações subsequentes, e os artigos definidos funcionam como anafóricos, fazem referência a termos já mencionados no texto.

Nas demais classes gramaticais que exercem função de artigo, temos os pronomes adjetivos, que podem ser os demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos. Outra classe que também pode ser artigo são os numerais cardinais e ordinais.

Passemos, então, para as formas referenciais gramaticais livres. Ao contrário das referências gramaticais presas, essas não estão relacionadas com nenhum nome dentro das classes gramaticais, pois são usadas para fazer a referenciação anafórica ou catafórica na construção textual. Para esse elemento coesivo temos a classe gramatical dos pronomes pessoais de terceira pessoa – ele, ela, eles e elas. Sendo dado, através deles, uma instrução de conexão ao leitor sobre a qual elemento de referência está se reportando.

Conforme Koch (2013, p. 40-48), os referentes de ordem gramatical: elipse, pronomes substantivos – podem ser:

- a) demonstrativos
- b) possessivos
- c) indefinidos
- d) interrogativos
- e) e relativos

Enquadram-se também, os numerais, os advérbios “pronominais”, expressões adverbiais do tipo: acima, abaixo, a seguir, assim, desse modo; e formas verbais remissivas.

A segunda referenciação pode ser de caráter lexical, que promove no texto conexões entre as palavras e orações, como também remete a algo além dos termos,

promovendo efeito de sentido conforme a intenção do autor. Segundo a autora supracitada, a remissão lexical pode ser observada através de:

- a) expressões ou grupos nominais definidos;
- b) nominalização;
- c) expressões sinônimas ou quase sinônimas;
- d) e hiperônimos ou indicadores de classe.

Como foi dito anteriormente, Koch (2013) estabelece duas classificações para os elementos coesivos:

- a) a coesão por remissão ou referenciação;
- b) a coesão por sequenciação, a qual consiste em mecanismos linguísticos que estabelecerem relações entre as parte de um texto, com o objetivo de alcançar a progressão textual, bem como a produção de sentido.

Conforme Koch (2013, p. 53), “a progressão textual pode fazer-se com ou sem elementos recorrentes”. Temos então dois tipos de progressão:

- a) a sequenciação frástica, sem elementos recorrentes;
- b) e a sequenciação parafrástica, que apresenta procedimentos de recorrência.

A sequenciação parafrástica consiste na repetição já utilizada no interior do texto. Esse método utilizado pode ocorrer de algumas maneiras:

- a) a recorrência de termos no texto, que são repetidos com o objetivo de enfatizar a ideia central;
- b) a recorrência de estruturas como o paralelismo;
- c) recorrência de conteúdos semânticos, nos quais são apresentados os mesmos conteúdos semânticos com formas estruturais diferentes;
- d) e a recorrência de tempo e aspecto verbal, que consistem em como os verbos são empregados no interior do texto em virtude de forma comunicativa, perspectiva e consideração sobre o que são as informações primárias e secundárias no texto.

A sequenciação frástica é responsável pela continuidade do texto sem repetições e meandros, ao contrário, promove um fluxo de informações. Para que haja essa progressão textual são utilizados alguns mecanismos como:

- a) procedimento de manutenção temática, que dá continuidade de sentido ao texto;
- b) progressão temática, fase na qual ocorre o desenvolvimento do tema com novas articulações;
- c) encadeamento, que concerne ao arrolamento das ideias entre as orações, enunciados ou sequências maiores, que podem ocorrer por justaposição e conexão.

Ainda com o objetivo de compreendermos melhor a questão da coesão textual, trouxemos para as discussões o que versa Fávero (1991, p. 09), sobre o assunto:

[...] um conceito semântico referente às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto; assim, a interpretação de um elemento depende da interpretação de outro. O sistema linguístico está organizado em três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico ortográfico (expressão). Os significados estão codificados como formas e estas, realizadas como expressões. Desse modo, a coesão é obtida parcialmente através da gramática e parcialmente através do léxico.

Temos aí os conceitos trazidos por Fávero (1991, p. 09), sobre a definição de coesão que converge com o posicionamento de Koch (2013), quando afirma que a coesão se dá nos âmbitos gramaticais e lexicais, isto é, as palavras são dispostas de acordo com as regras formais da língua, para que, dessa maneira, haja um todo (texto) coeso. Com isso, a disposição e o encadeamento das palavras têm como parâmetros, na maioria das vezes, o formal.

Fávero (1991) acrescenta que a classificação da coesão se dá de três maneiras, tornando uma divisão em termo de função, no qual esses mecanismos exercem na construção do texto, e não uma classificação no sentido de classes de palavras ou de léxico. A partir dessa relação de função, a autora propõe a seguinte divisão: coesão referencial, coesão recorrencial e coesão sequencial *strictu sensu*.

Conforme Fávero (1991, p. 09), a coesão referencial se dá por meio de palavras da língua que não têm sua interpretação semântica por si só, é necessário

fazer referência a alguma coisa para que aquela tenha sua significação. A referência, no entanto, é abstrata, encontra-se no cognitivo do leitor, e pode ser relacionada a tal coisa de acordo com o meio em que vive esse leitor. Essa afirmação de que a referência é algo abstrato, é pelo fato desta ser observada isoladamente e não representar significado algum, antes da alusão proporcionada pelos referentes.

E, dá-se também pela recategorização dos referentes em meio ao contexto, pois o mesmo objeto pode ser caracterizado de várias formas, dependendo do meio de interação no qual está inserido.

Nesse sentido, Blikstein (*apud* KOCH, 2015, p. 50):

[...] defende a tese de que o que julgamos ser a realidade não passa de um produto de nossa percepção cultural. [...] percebemos os objetos tal como previamente definidos por nossas práticas culturais: a “realidade” é fabricada por toda uma rede de estereótipos culturais, que condicionam a própria percepção e que, por sua vez, são garantidos e reforçados pela linguagem, de modo que o processo de conhecimento é regulado por uma interação contínua entre práxis, percepção e linguagem.

Os referentes têm determinada representatividade de acordo com a percepção cognitiva do ser humano, do seu ponto de vista, em determinado contexto social, cultural etc.

Corroborando com a citação acima, Mondada & Dubois (*apud* KOCH, 2015, p. 62) defendem a ideia de que a caracterização para cada referente são variáveis e mudam de acordo com os diversos contextos nos quais podem ser inseridos. A isso os autores chamam de caracterização discursiva que é percebida nas práticas sociais do sujeito.

A partir disso, podemos dizer que os referentes não são apenas pontuais no texto, mas vão além, estão ligados e dependem de elementos cognitivos do leitor que possam remeter a algum tipo de conhecimento. Em outras palavras, a compreensão de uma expressão anafórica não significa apenas pontuar elementos linguísticos já mencionados, mas também fazer relação com a memória discursiva do leitor.

Para esclarecer ainda mais sobre os referentes, Koch & Marcuschi (*apud* KOCH, 2015, p. 66) fazem uma distinção entre referir, remeter e retomar:

- a) a retomada implica a remissão de referenciação;
- b) a remissão implica referenciação, e não necessariamente retomada;
- c) a referenciação não implica remissão pontualizada nem retomada.

A partir dessas definições, os autores propõem substituir a noção de referência pela de referenciação, pois esta não pressupõe remissão pontualizada nem retomada de referentes. Ela se dá através dos objetivos que o indivíduo quer alcançar em determinado contexto social fazendo uso dessa ou daquela palavra no momento da interação.

A coesão referencial, de acordo com Fávero (1991, p. 18), pode ser obtida através da substituição e por reiteração. A substituição acontece no momento em que o elemento referente é retomado ou precedido por outro elemento gramatical denominado, por Fávero, de “pró-formas”, estas podem ser pronominais (somente os de terceira pessoa), verbais (ser e fazer), adverbiais, numerais, pró-sintagma, pró-constituente ou pró-oração.

Outro elemento de coesão referencial é a reiteração que consiste na repetição de expressões no texto, essa pode ser feita através da repetição do léxico, sinônimos, hiperônimos e hipônimos, expressões nominais definidas e nomes genéricos.

Ainda de acordo com a classificação de Fávero (1991) sobre os elementos coesivos, temos a coesão recorrencial que acontece quando há retomadas de estruturas, itens ou sentenças e nelas há também informações novas que surgem como progressão no texto. Nesse aspecto são relacionadas informações existentes com novas informações, dando sequência ao texto.

Os casos de recorrência se dão por meio de alguns elementos que são:

- a) recorrência de termos, com o objetivo de enfatizar o que foi dito. Por meio de paralelismo, quando a estrutura frasal é reutilizada substituindo por palavras do mesmo campo lexical;
- b) recorrência através da paráfrase, e na qual são refeitas partes ou o texto inteiro tendo como base o texto original.
- c) E por fim, também como recorrência, temos os recursos fonológicos, segmentais e suprasegmentais, estes, para serem observados, necessitam-se considerar questões pragmáticas, linguísticas e psicolinguística.

A coesão sequencial *strictu sensu*, diferente da coesão recorrencial, não apresenta retomadas de estruturas, itens ou sentenças, apenas funciona como mecanismo que garante a fluidez do texto. Pode ser obtida através da sequenciação temporal, com o objetivo de situar o leitor em relação ao tempo do “mundo real”. Isso

acontece por meio da ordenação linear dos elementos, por expressões que mostram a ordenação ou a continuação das sequências temporais, por palavras que indicam tempo e através de correlação dos tempos verbais.

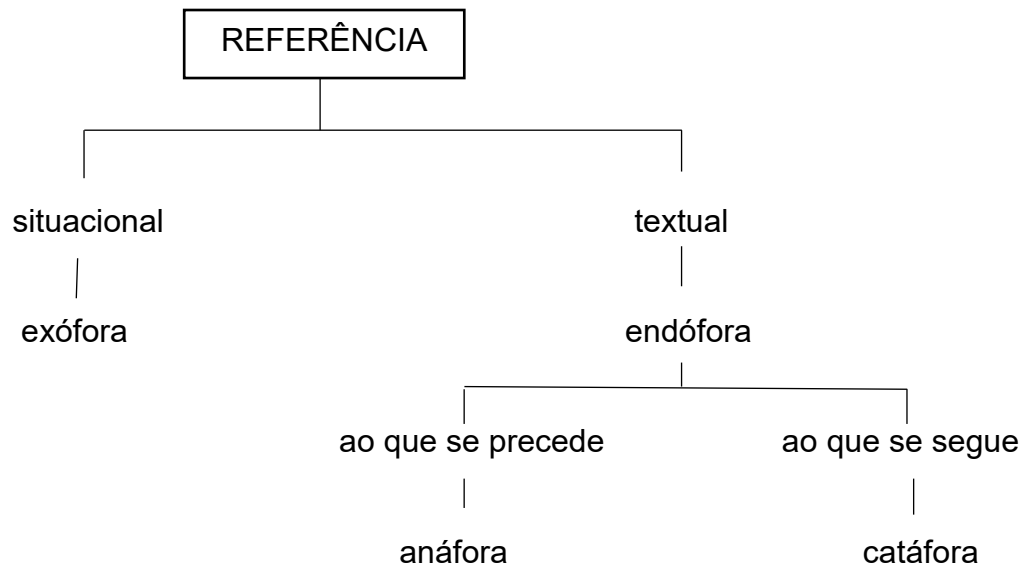
A coesão sequencial é percebida também, através da sequenciação por conexão, esta conexão está relacionada diretamente com o que chamamos de tessitura textual, pois se trata da relação e da correlação entre os termos no interior do texto, da interdependência semântica ou pragmática que existem entre eles. Esses elementos coesivos podem ser vistos nos operadores do tipo lógico e operadores do discurso.

São elementos de referência, logo os constituintes da língua não podem ser decifrados semanticamente por si mesmos, mas inseridos em outros contextos podem ser interpretados de acordo com o sentido que lhe foi atribuído. A esse respeito Halliday e Hasan (*apud* KOCH, 2013 p. 19) afirmam que:

A referência é exofórica quando a remissão é feita a algum elemento da situação comunicativa, isto é, quando o referente está fora do texto; e é endofórica, quando o referente se acha expresso no próprio texto. Neste caso, se o referente precede o item coesivo, tem-se a anáfora; se vem após ele, tem-se a catáfora.

Temos, dessa maneira, a referência vista por dois ângulos, com fatores de dentro e de fora do texto. A referência situacional exofórica se dá por meio de elementos que estão na situação comunicativa, fora do texto, e a referência endofórica é encontrada no interior do texto. Essa referência pode ser expressa no texto antes do item coesivo, as anáforas, e após ele, a catáfora. Para melhorar o entendimento, vejamos o esquema elaborado por Koch (2013, p. 19):

### Esquema 03: Referência



Fonte: (KOCH, 2013, p. 19).

Analisando o esquema, percebemos que a referência pode ser feita com elementos de dentro ou fora do texto. Os elementos de dentro do texto são classificados como anafóricos e catafóricos.

Segundo Halliday e Hasan (*apud* KOCH, 2013 p. 16), são cinco os mecanismos que propõem e distinguem os elementos coesivos, divididos de acordo com o modo como os itens lexicais e gramaticais se relacionam com o texto e no texto: “a referência, a substituição, a elipse, a conjunção e a coesão lexical”. Vejamos cada um desses mecanismos sucintamente:

Conforme dito anteriormente, outro mecanismo de coesão, segundo os autores supramencionados, é a substituição, que consiste na mudança de um elemento ou uma oração no lugar de outra, para evitar a repetição no texto. Temos também, como mecanismo, a elipse que seria a substituição por zero, na qual se omite uma palavra, um sintagma, uma oração que pode ser interpretada através do contexto.

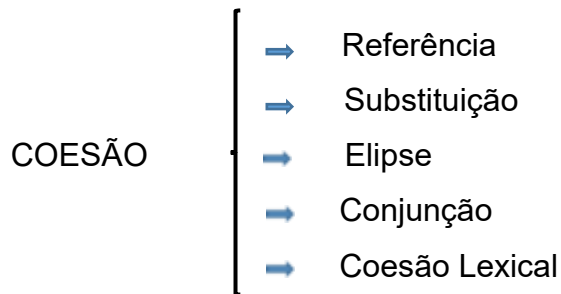
A conjunção é outro elemento coesivo utilizado, como os conectores e partes que ligam palavras e orações dentro do texto, estabelecendo uma relação significativamente particular entre eles. E, por último, o mecanismo de coesão nomeado por Halliday & Hasan (*apud* KOCH, 2013) como coesão lexical, que é revelada por meio de dois mecanismos: a reiteração, que percebemos através da



repetição da mesma palavra, por sinônimos, hiperônimos e nomes genéricos; e o outro processo é a colocação que vem a ser a utilização do mesmo grupo significativo.

Sistematicamente teríamos o seguinte esquema para as teorias Halliday & Hasan (*apud* KOCH, 2013 p. 17) sobre coesão:

#### Esquema 04: Tipos de Coesão II



Os mecanismos de coesão postulados por Halliday & Hasan, como dito anteriormente, são cinco:

- a) a referência que pelo significado da palavra está voltada para algo que já foi dito e pode estar presente dentro e fora do texto, sendo então, endófora e exófora respectivamente. A referência endófora pode ser anáfora, ao que precede, e catáfora, ao que segue os itens coesivos;
- b) a substituição também remete ao significado da palavra, a troca de um nome, um verbo por outro, estabelecendo uma relação de sentido;
- c) a elipse consiste na ausência de um item sem causar prejuízo ao sentido do texto;
- d) a conjunção estabelece a relação daquilo que ainda não foi mencionado com o que já foi expresso no texto;
- e) e, por fim, a coesão léxica que comporta a repetição do léxico através de sinônimos.

No entanto, apesar de se tratar de uma teoria bem respaldada, alguns autores criticam os mecanismos apresentados por Halliday e Hasan, como, por exemplo, o que diz Harweg (*apud* KOCH, 2013, p. 23), ao afirmar que os referentes textuais ocorrem através da substituição e não seriam duas construções distintas como pregam os autores. Vários outros autores também fazem críticas aos cinco mecanismos coesivos tratados pelos autores em questão, como o que fala Koch

(2013, p. 27), a respeito da coesão lexical que não constitui um mecanismo porque exerce, na verdade, função sequenciadora.

Vimos no decorrer deste trabalho, que o texto para ser um texto realmente requer alguns passos e critérios a serem seguidos. Já foi dito em seções anteriores quais são esses fatores que fazem com que um conjunto de palavra se torne um texto, como, fatores linguísticos, nos quais estão inseridas a coesão e a coerência. A coesão, portanto, também mencionada na seção acima, denota outro aspecto bem relevante, ao qual damos destaque neste trabalho, que é o processo de referenciação que abordaremos a seguir.

### **1. 3 A Referenciação**

Na construção de um texto, a referenciação contribui para o desenvolvimento da tessitura textual, num processo de preservação dos referentes introduzidos, retomada e introdução de novos referentes para, assim, produzir a progressão do texto e o encadeamento das ideias. Dessa forma, ao utilizarmos um pronome pessoal de terceira pessoa, por exemplo, devemos ter mencionado seu referente anteriormente, caso contrário, teremos comprometido a compreensão do enunciado por parte do nosso destinatário.

Quando nos referimos a alguma coisa, o que temos em mente é que este referente irá fazer menção sobre algo que já foi dito. A significação desse referente pode ser estabelecida de várias formas, com correferenciação ou não, com significados explícitos ou não. Isso porque o processo de referenciação é, em si, complexo, e se relaciona com fatores semânticos, pragmáticos, cognitivos e sociais. Sendo assim, a interpretação dos referentes, isto é, o seu entendimento pode ocorrer por meio de expressões presentes no contexto, através de todo o contexto e, também, a partir do conhecimento (cognitivo) ativado pelo interlocutor (leitor).

Antes de discorrermos a respeito do processo de referenciação, faremos uma abordagem sucinta sobre referente e expressão referencial segundo alguns autores.

Cavalcante (2014, p. 98) explica que: “o processo de referenciação diz respeito à atividade de construção de referentes depreendidos por meio de expressões linguísticas para tal fim, chamadas expressões referenciais”. Quando é posto que a referenciação é um processo de construção de referentes, observamos

que se trata de uma elaboração no ato ou da fala ou da escrita, que a autora chama de expressões referenciais.

As construções desses referentes a partir do texto são observadas como objetos ou entidades que, por sua vez, são compreendidas através do contexto e da relação que se estabelece entre essas entidades no interior do texto, mas sobre isso falaremos adiante.

Como mencionado acima, os referentes são objetos ou entidades presentes no texto. Esses referentes são caracterizados no texto de acordo com o propósito do locutor e entendido especificamente no momento da interação comunicativa, por isso, a expressão construção de referentes, pois determinado objeto pode ser categorizado ou recategorizado no decorrer do intercâmbio.

A título de esclarecimento, vejamos o que diz Cavalcante (2014, p. 106) sobre recategorização:

A recategorização referencial diz respeito à possibilidade de um referente passar por mudanças ao longo de um texto. Essas mudanças estão relacionadas ao direcionamento argumentativo que o produtor pretende dar a seu texto, mas também a outras intenções expressivas, emotivas, poéticas etc.

Entendemos que a entidade ou objeto muda de característica de acordo com a intenção do produtor. Ainda sob a perspectiva da mesma autora, o processo de produção dos referentes é um fenômeno sociocognitivo, pois tanto as escolhas dos indicativos quanto o seu entendimento dependem das experiências sociais dos indivíduos.

Os referentes segundo Mondada e Dubois (*apud* CAVALCANTE, RODRIGUES e CIULLA, 2003, p. 20), corroboram com o aspecto apresentado anteriormente quando diz que: “as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo”. Isto é, os referentes são categorizados e recategorizados a partir da atividade de comunicação na qual está inserido o sujeito.

Mondada (*apud* KOCH, MORATO, e BENTES, 2013, p. 11), afirma ainda que:

A referência é o resultado de um processo dinâmico e, sobretudo, intersubjetivo, que se estabelece no quadro da interação entre locutores, e é suscetível de se transformar no curso dos desenvolvimentos discursivos, de acordos e desacordos.

O processo de referência é versátil e o que em determinado contexto aparece de uma forma, pode mudar, dependendo do contexto e da interação comunicativa. Esse ato de comunicação nos remete a outras proposições, ocorre se trata de situações instáveis, variáveis e flexíveis, portanto, a categorização e a recategorização são processos contínuos.

Mondada e Dubois (*apud* CAVALCANTE, RODRIGUES e CIULLA, 2003, p. 23) colaboram dizendo: “a categorização é um problema de decisão de dependência que se coloca para os atores sociais, e com eles se resolvem, selecionando uma categoria em vez de outra dentro de um contexto dado”. As escolhas para determinadas disposições são realizadas pelo sujeito dependendo do contexto no qual estão inseridos. E não podemos nos esquecer do objetivo e do domínio linguístico que cada indivíduo possui para nomear determinados objetos em situações distintas.

A referência também se dá através de ligações semânticas, as quais são ativadas ou reativadas por meio de certas propriedades da língua. Observando vários estudiosos que versam sobre o assunto, pode-se concluir que, as divergências são muitas em relação a nomenclaturas e classificações acerca do tema. Sendo assim, os métodos utilizados sobre as variadas formas para introduzir no texto, novas entidades ou retomas de algo já mencionado é tratado aqui como referenciação, tendo em vista que, como mencionamos na seção anterior, esse processo se dá com elementos não necessariamente presentes no contexto, mas também por meio da recategorização de referentes e de acordo com o ponto de vista cognitivo-discursivo do indivíduo. Uma vez feitas essas considerações sobre referenciação, passamos a discorrer sobre o que tratam alguns autores acerca do assunto.

Em sua pesquisa de doutoramento, Ciulla (2008) apresenta uma abordagem profunda do processo de referenciação quando escreve sobre os referentes em seus aspectos filosóficos na tentativa de explicar como se dá a referenciação acerca do mundo e sua representatividade.

Custódio Filho (2006), em sua dissertação, utilizou para comentar sobre o processo de referenciação, as concepções de Mondada e Dubois (2003), que se inscrevem na perspectiva sociocognitivista, isto é, levam em consideração as “experiências que o sujeito tem do real que sofre elaboração e re-elaboração cognitiva por parte desses sujeitos”. Para esses autores, referente é objeto de discurso, pois é estabelecido na atividade discursiva do sujeito.

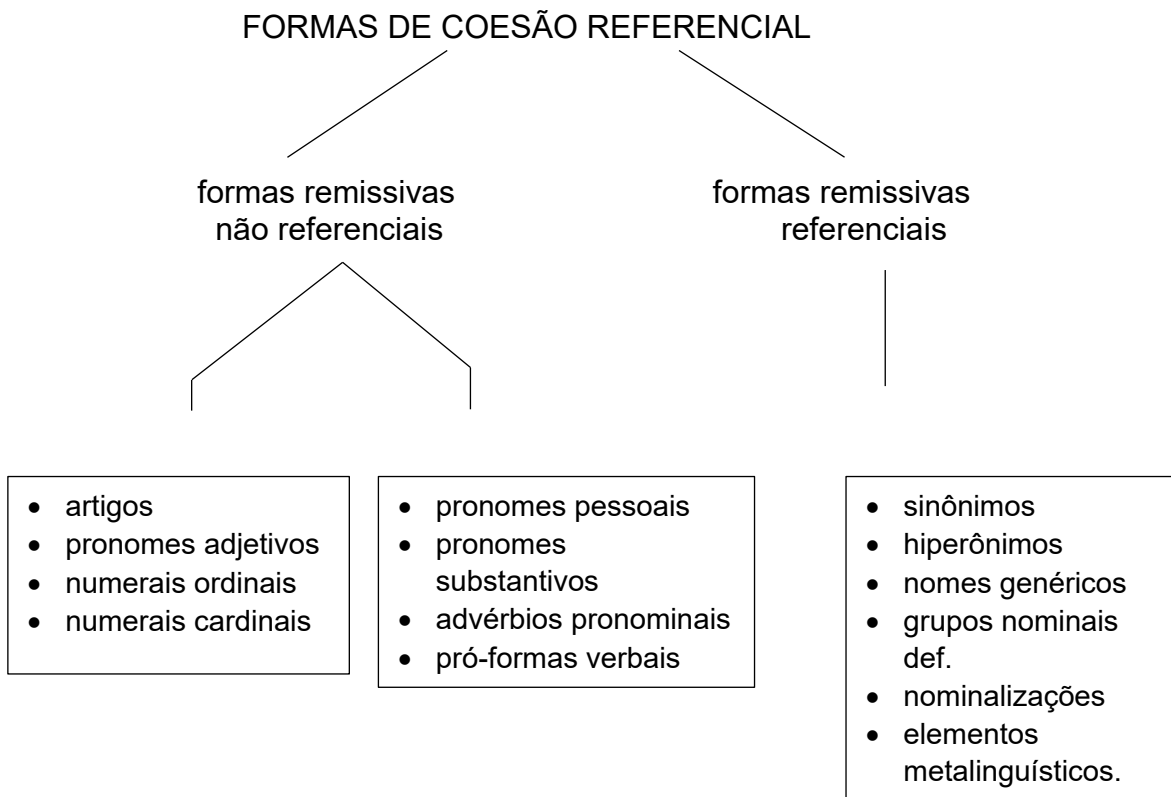
Segundo Lyons (*apud* CAVALCANTE, 2003, p. 02), os elementos referenciais estão divididos em dois grandes blocos:

- a) os que introduzem novos referentes no “universo do discurso” sem promoverem nenhum tipo de continuidade referencial; e
- b) os que realizam a continuidade referencial de objetos presentes no universo discursivo, ou porque foram explicitamente evocados ou porque são dali inferíveis.

Em nossos estudos, nos atemos ao processo de referenciação diretamente relacionado ao texto, mais precisamente em sua perspectiva sociocognitivista, sendo retratados em ações conjuntas, por isso social, tendo como base o texto. Para tanto, em nosso trabalho, nos baseamos em alguns autores, como: Marcuschi (2008), (2005), Adam (2011), Cavalcante (2011), a saber.

Para Marcuschi (2008, p. 109), referenciação diz respeito à forma de organização dos significados ou referentes no interior do texto, e está dividida em duas maneiras: formas remissivas não referenciais e formas remissivas referenciais. Vejamos o esquema segundo o autor.

### Esquema 05: Formas de Coesão Referencial



Fonte: (MARCUSCHI, 2008, p. 109).

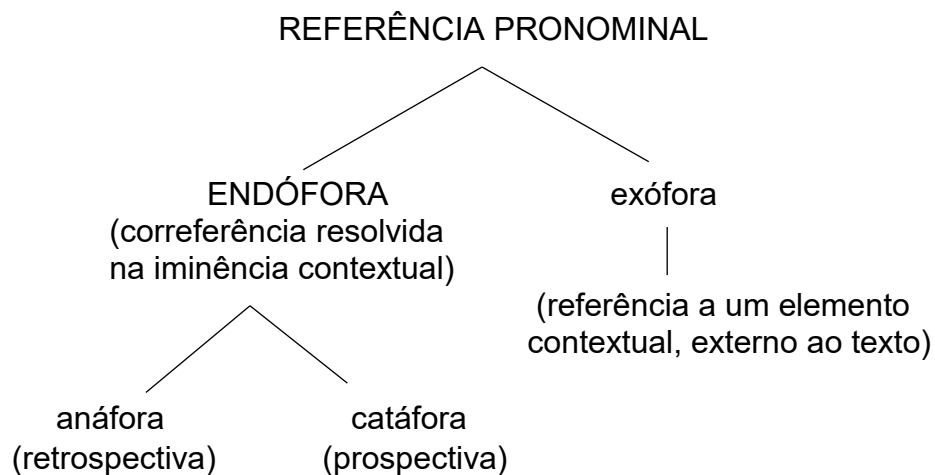
Através do esquema apresentado, Marcuschi (2008) considera as formas de coesão referencial sob dois aspectos:

- a) as formas remissivas não referenciais que formam, por sua vez, não têm característica de referente, no entanto, em determinado contexto podem estabelecer uma relação de identificação referencial com o elemento referido;
- b) e as formas remissivas referenciais são elementos linguísticos que fazem referência através da sua forma que remete à outra.

Muito se assemelham as formas de referenciação estabelecida por Marcuschi (2008) às de Koch (2013) que divide o processo de referenciação com a mesma terminologia, no caso remissão, com uma diferença: para esta autora, a remissão pode ser de caráter gramatical e lexical, e ela não faz a distinção arrolada por Marcuschi (2008), entre remissão não referencial e referencial.

Ainda sob essa perspectiva, Marcuschi (2008) considera como referenciação um dos cinco aspectos de Halliday e Hasan, citados na seção anterior, sobre coesão textual, que é a referência. Marcuschi (2008, p. 110) apresenta, em forma de esquema, a referência pronominal.

### Esquema 06: Referência Pronominal

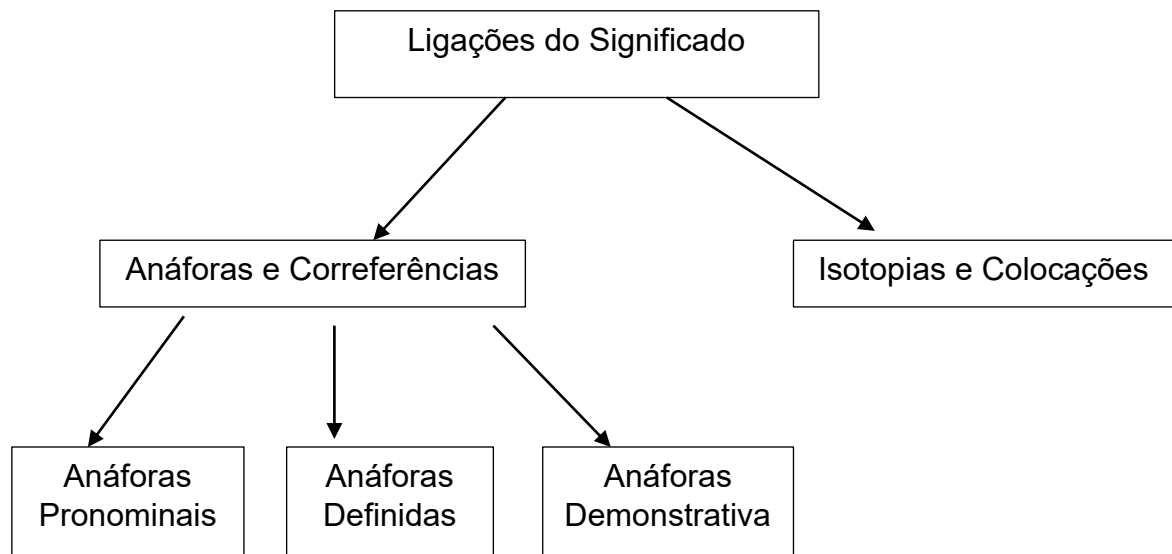


Fonte: (MARCUSCHI, 2008, p. 110).

O esquema acima retrata os estudos clássicos de pronomes, como substituição de nomes ou referência pronominal, termo que estamos analisando. Segundo o autor, os pronomes como referentes estabelecem uma relação morfossintática com o elemento ao qual se refere. Sobre a divisão, temos os referentes endóforos, presentes no interior do texto, e os exóforos, que são uma espécie de entidades recuperadas através de aspectos cognitivos, fora do texto, ambos vistos na seção antecedente.

Adam (2011), em seu livro *A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos*, fala sobre referenciação como um tipo de unidade textual de base, isto é, uma maneira de manter a ligação entre o texto, sendo que essa união é representada sob vários aspectos, dentre eles as ligações de significados, que estão relacionadas com elementos anafóricos/correferenciais, isotopias e colocações, como pode ser visualizado no esquema a seguir:

### Esquema 07: Ligações do Significado



Fonte: (ADAM, 2011, p. 131).

Conforme Adam (2011, p. 132), o processo de referenciação acontece da seguinte forma: através da correferência, que se trata da relação de identidade referencial entre dois ou mais signos semanticamente interpretáveis, independentemente um do outro. Nesse sentido, os pronomes deixam de ser a unidade da língua utilizada para o processo de referenciação, e são introduzidas as anáforas. Desta feita, as anáforas podem ser fiéis, quando um mesmo lexema é retomado, e infiéis, quando se trata da retomada de outro lexema.

Ainda sob a luz da teoria de Adam (2011) sobre referenciação e analisando o esquema acima, o autor aponta a classificação da anáfora de três modos:

- a) anáfora pronominal, a qual exerce o papel apenas de retomar o que já foi mencionado, sem trazer ao texto informações novas sobre o termo ao qual se refere.
- b) anáfora definida aparece como a segunda classificação, que consiste em proporcionar o encadeamento de um referente apresentado de maneira indefinida, a princípio, por outra palavra idêntica ou parecida.
- c) anáfora demonstrativa, em que ocorre a reativação de algo através da memória do leitor; ao passo que retoma, são apresentadas novas características sobre o que foi retomado.



Contudo, todas as anáforas postuladas aqui contribuem com a progressão do texto, seja por meio de retomadas ou por introduzir novas particularizações. Confere-se em Adam (2011, p. 145):

Todas as formas de anáforas e de cadeias de correferências visam, certamente, manter um *continuum* homogêneo de significação, uma isotopia mínima do discurso por **retomadas-repetições**, mas asseguram, ao mesmo tempo, a **progressão** por novas especificações e mobilização das referências virtuais dos lexemas utilizados.

Não cabe aqui entrarmos no mérito da isotopia e colocações, mas sim da referenciação como um fator de unidade e avanço do texto através das repetições que, de certa forma, fornece características ou por meio das novas características introduzidas com as anáforas demonstrativas.

O conceito de texto, segundo Cavalcante, citado na seção anterior que fala sobre texto e linguística textual, nos remete a texto como um fenômeno social e de caráter comunicativo. O texto depende, para ter sentido completo, de inferências por parte do leitor (coenunciador). Essas inferências são feitas por meio de expressões contidas na superfície do texto. Portanto, para que o texto seja coeso/coerente e com os elementos de textualidade é preciso, além da organização dos elementos no interior do texto, uma participação do coenunciador.

As expressões contidas na superfície do texto que proporcionam as inferências são os referentes, que Cavalcante (2011, p.15) os apresenta da seguinte forma:

Referentes são entidades que construímos mentalmente quando enunciamos um texto. São **realidades abstratas**, portanto, imateriais. Referentes não são significados, embora não seja possível falar de referência sem recorrer aos traços de significação, que nos informam do que estamos tratando, para que serve, quando empregamos etc. Referentes também não são formas, embora em geral, **realizem-se por expressões referenciais**. Destaque nosso.

A citação acima demonstra complexidade, pois a autora faz um jogo com as palavras no que diz respeito ao referente. No entanto, destacamos algumas palavras que julgamos importantes, por exemplo, referentes são realidades abstratas que são construídas pelo leitor cognitivamente. São realizadas por meio de expressões

referenciais, ou melhor, temos uma espécie de representação ou uma tentativa de representação, constituída, voltamos a dizer, em caráter cognitivo.

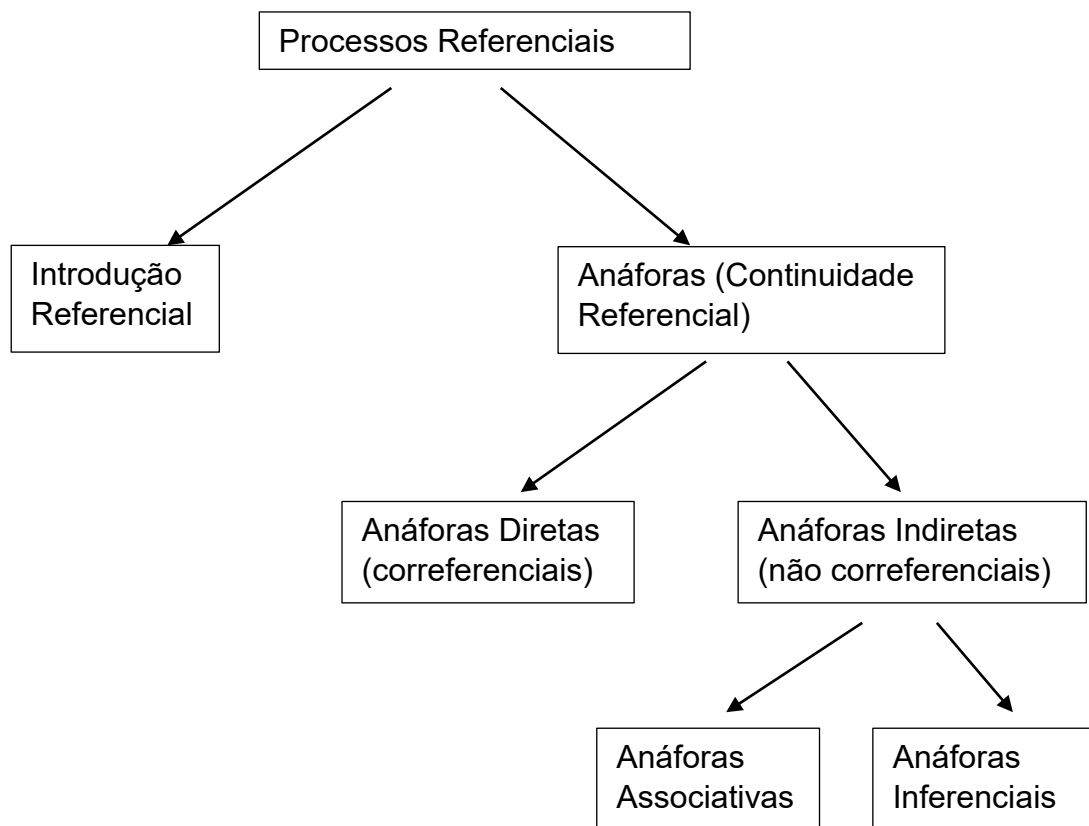
Na tentativa de entendermos o que vem a ser o referente, ainda sob a teoria de Cavalcante (2011, p. 15-16), temos:

O ato de referir é sempre uma ação conjunta. Para a linguística do texto, hoje, fazemos referência a algo quando nos reportamos a pessoas, animais, objetos, sentimentos, ideias, emoções, qualquer coisa, enfim, que se torne essência, que se substantive quando falamos ou quando escrevemos. É na interação de nossas práticas de linguagem com nossas vivências socioculturais que construímos uma representação – sempre instável - dessas entidades a que se denominam referentes.

A referenciação é um processo de interação entre o dito e também o que ainda não foi dito. A construção do processo, por fazer parte da língua, sofre evolução e transformação, não é estático, algo pronto e acabado, o que é referente em um contexto pode não ser em outro, isso é nitidamente percebido através das práticas sociais da linguagem.

Prosseguindo com o tema, Cavalcante (2011, p. 53) diz: “Todo processo referencial é viabilizado por um dispositivo remissivo, uma propriedade de apontar para um dado objeto reconhecível a partir de pistas muito diversificadas”. Isto é, o fato dos referentes serem constituídos através do processo de remissão deixadas por meio de sinalizações na superfície do texto, sendo que essas podem ser apresentadas pela primeira vez, denominada introdução referencial, e os referentes que já foram explicitados, os quais são considerados continuidades referenciais, isto é, anáforas. Os processos referenciais, segundo a autora, podem ser representados através do seguinte esquema:

### Esquema 08: Processos Referenciais



Fonte: Pesquisa Direta.

#### 1.3.1 Anáfora Direta

A título de esclarecimento, não nos interessam, neste trabalho, os referentes que são utilizados apenas como introdução de objetos no contexto, pois estes não apresentam nenhuma continuidade referencial. Vejamos os que elegemos como os referentes mais importantes. Em nosso trabalho, utilizamos para na proposta de intervenção, a anáfora direta, como elemento de coesão e construção de sentido no texto.

A continuidade referencial tida como anáfora se dá em determinadas situações, por ocorrência de correferencialidade, pois o mesmo lexema que foi introduzido anteriormente é completamente recuperado pelo elemento anafórico, vejamos o exemplo:

(1) A mãe, ao sair de casa disse a Bruno: faça a tarefa.

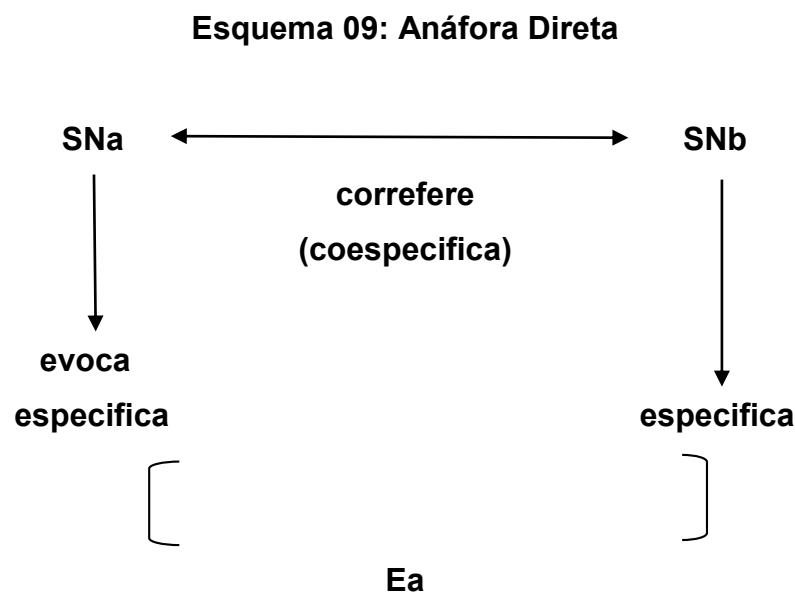
E “o menino”: já fiz, mamãe.

Observe que “Bruno”, uma introdução referencial, é retomado a partir da expressão anafórica “o menino”. A relação estabelecida entre a primeira expressão que introduz o referente e a segunda que o retoma é feita de maneira direta, sem o auxílio de nenhum elemento extra-contexto. Daí a expressão anáfora direta. Esse termo, segundo Koch, Morato e Bentes (2013) é utilizado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciadas, conteúdos ou contextos textuais (retomando-as ou não), contribuindo, assim, para a continuidade tópica e referencial.

Em se tratando de anáfora direta, esta retoma algo que já foi mencionado no texto, estabelecendo uma correlação entre o elemento antecedente e o termo anafórico. Tornando-se um processo de reativação de referentes prévios. Ou melhor, as anáforas diretas têm a função de reativação de referentes anteriormente introduzidos.

Conforme Marcuschi (2005, p. 53), anáfora direta é uma espécie de substituição do elemento por ela retomada, estabelecendo um processo de reativação de referentes prévios, isto é, retoma os termos já introduzidos no texto.

Nessa perspectiva, o autor representa o processo de anáfora direta através do seguinte esquema:



Podemos observar no esquema acima que o SNa – Sintagma Nominal Antecedente evoca ou especifica um referente e SNb – Sintagma Nominal Anafórico apenas especifica o termo já mencionado. E o código Ea representa a existência de uma especificação.

Vejam os exemplos do texto retirado da coletânea de textos da revista Nova Escola, no qual aparecem várias referências anafóricas diretas.

(2) **Rubem Braga**: o maior cronista brasileiro do século 20.

Conheça mais sobre a vida e a obra do **jornalista e escritor** de Cachoeiro de Itapemirim, cujo centenário de nascimento é comemorado no dia 13 de janeiro de 2013. Para os críticos, **Braga** é sinônimo do gênero literário que consagrou, a crônica.

Há 23 anos, **o escritor** capixaba Rubem Braga recebeu a chegada da morte, assim como escolheu passar a vida. Em seu apartamento em Ipanema, **o cronista e jornalista** convidou alguns amigos, despediu-se aos poucos e morreu sozinho, vítima de um tumor na laringe que optou por não tratar nem cirúrgica, nem quimicamente. [...]

Formado em Direito, Rubem Braga jamais exerceu a profissão, devotando-se às crônicas e ao jornalismo - atividades que o acompanharam até os últimos dias de vida. **O escritor** chegou a ser correspondente da Revolução Constitucionalista de 1932 para o jornal mineiro "Diários Associados", do grupo de Assis Chateaubriand.

Em 1961, **Braga** deixou o Brasil por três anos para se tornar embaixador do país em Marrocos, sem nunca parar de escrever. Ao todo, em sua vida, foram mais de 15 mil crônicas, todas elas marcadas pela linguagem coloquial e por temas simples, como a vida no campo e a natureza, em contraposição à urbanidade e aos compromissos sociais da vida adulta.

Na crônica Natal, publicada no livro *A Borboleta Amarela* (Editora Record, 160 páginas), Rubem Braga demonstra uma das principais características de sua personalidade, refletida em toda a obra: a vida solitária, que conferiu a ele o estigma de um homem introspectivo e avesso ao convívio social. "Sinto uma grande ternura pelas pessoas; sou um homem sozinho, numa noite quieta, junto de folhagens úmidas, bebendo gravemente em honra de muitas pessoas", escreveu. [...]

Fonte: (Revista Nova Escola. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/rubem-braga-maior-cronista-brasileiro-seculo-20-730755.shtml>> Acesso em: 28 de junho de 2014.

Os termos destacados no texto acima tratam do mesmo processo de referenciação, as anáforas diretas, as quais estabelecem uma relação de correferência entre os termos. Dentro da perspectiva que adotamos nesta dissertação, o fenômeno de referenciação das anáforas diretas assume a função de elemento que proporciona a progressão textual. Em especial, nas anáforas diretas está a sequenciação do texto que é percebida por meio de artifícios inseridos na superfície do texto. Essa evolução textual acontece com as expressões referenciais que, de uma forma ou de outra, associam-se entre si.

Os referentes realizados por meio de inferências do leitor, dito anteriormente, são denominados por Cavalcante (2011) como anáforas indiretas, as quais são possíveis de compreensão com o auxílio de âncoras que são ativadas através de processo cognitivo. Ao contrário da anáfora direta, não se estabelece relação do que foi dito com o termo que faz a retomada por expressões presentes na superfície textual, isto é, não há correferencialidade.

### **1.3.2 Anáfora Indireta**

Observando o esquema da seção anterior, vimos que a divisão de Cavalcante (2011) sobre o processo de referenciação apresenta duas classificações, as quais podemos considerar de base, pois, em seguida, a anáfora se subdivide em mais duas, que são as anáforas diretas e indiretas, a última, portanto, também se divide em anáforas associativas e anáforas inferenciais.

No que se refere às anáforas indiretas, Marcuschi (2005, p. 53) diz que: “trata-se de uma estratégia endofórica de ativação de referentes novos e não de uma reativação de referentes já conhecidos, o que constitui um processo de referenciação implícita”. Com a introdução dessa concepção de que anáfora pode ser também pousada em entidades implícitas, ela deixa de ser atrelada convencionalmente à noção de pronomes e fenômenos explícitos no contexto. Isso porque, segundo o mesmo autor, é necessário entender que essas referências são elaboradas no processo discursivo.

Corroborando com isso, temos as características da Anáfora Indireta segundo Schwarz (apud, MARCUSCHI, 2005, p. 61):

- a) a inexistência de uma expressão antecedente ou subsequente explícita para retomada e presença de uma *âncora*, isto é, uma expressão ou contexto semântico base, decisivo para a interpretação da *Anáfora Indireta*;
- b) a ausência de relação de correferência entre a *âncora* e a *Anáfora Indireta*, dando-se apenas uma estreita relação conceitual;
- c) a interpretação da *Anáfora Indireta* se dá como a *construção* de um novo referente (ou conteúdo conceitual) e não como uma busca ou reativação de elementos prévios por parte do receptor;
- d) a realização da *Anáfora Indireta* se dá normalmente por elementos não pronominais, sendo rara sua realização pronominal.

Sendo assim, anáfora indireta se caracteriza baseada em três aspectos: a não correferenciação; não necessariamente são feitas retomadas; e a progressão por meio da introdução de novos referentes.

Da mesma forma, as anáforas associativas, segundo Cavalcante (2011, p. 63), consistem na introdução (leia-se: menção) de um referente novo, manifestada por uma expressão nominal definida, que se reporta a outra entidade mencionada antes no contexto. Baseia-se em uma relação de não correferencial, estabelecida por uma âncora que está na situação contextual de acordo com o cognitivo do leitor.

Concordando com o conceito acima, segundo Alves (2009, p. 35), em sua dissertação, “anáfora associativa baseia-se numa relação de não-correferência, manifestada através da ausência de identidade lexical ou semântica com o antecedente”. Estabelece uma relação com o elemento citado anteriormente ao passo que introduz novos referentes. Faz-se necessário, também, observar os aspectos morfosintáticos que estão por trás da interpretação anafórica.

Com dito acima, as anáforas indiretas que podem ser associativas têm seu entendimento por meio de âncoras, que podem estar ou não presentes no contexto. A anáfora associativa se subdivide em quatro: meronímicas, locativas, actanciais e funcionais. Vejamos sucintamente em que consiste cada uma delas.

As anáforas associativas meronímicas são referentes marcados pelo princípio da parte pelo todo para sua representação, sendo estabelecida uma relação de “ter”,

de que o referente faz parte de um todo. Observando o exemplo extraído de (CAVALCANTE, 2011, p. 65), temos um melhor entendimento:

(3) Não pegue a xícara amarela. **A asa** está quebrada.

A expressão destacada, pelo sintagma nominal, “a asa”, faz parte de um todo: “a xícara”. Houve uma associação de relação entre a asa que é parte da xícara.

As locativas, ao contrário das meronímicas, não dependem do todo para existir, apenas especificam algo que, em determinado contexto, o referente está inserido, estabelecendo uma relação de espaço (lugar) no domínio de uma área mais abrangente. Como exemplifica Cavalcante, 2011, p. 65:

(4) Entramos na cozinha. **A geladeira** estava aberta.

A correspondência entre os dois termos a geladeira e cozinha se deu pelo fato de a geladeira fazer parte de uma cozinha que, por sua vez, é um lugar.

Os anafóricos funcionais consistem na relação semântica entre o dito e seu referente, como as associações feitas em obra – autor e carro – motorista, por exemplo.

E por fim, as anáforas associativas actanciais, nas quais o critério de identificação consiste na semântica e na sintaxe, e a relação se estabelece entre entidades e predicções. Como, por exemplo:

(5) Ontem li até adormecer. **O livro** amanheceu sobre mim.

A terminologia “actantes” vem da gramática de valências que quer dizer lugares vazios, que são preenchidos de acordo com o verbo para determinar quem executa ou sofre a ação. No exemplo acima, o termo em destaque preenche o ler, “li o livro”. Daí a relação semântica/sintática.

Contribuindo também com o processo anafórico indireto, Marcuschi diz que (2005, p. 53):

*Anáfora indireta*, geralmente constituída por expressões nominais definidas e pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto. Trata-se de uma estratégia



endofórica de *ativação* de referentes novos e não de uma *reativação* de referentes já conhecidos, o que constitui um processo de referenciação implícita.

De acordo com a perspectiva acima, anáfora indireta é mais um elemento de referenciação na produção textual. No entanto, para que seja identificada no texto, é preciso a ativação de aspectos cognitivos do leitor no sentido de fazer inferências sobre os elementos novos que são apresentados no texto, por isso o termo anáfora indireta. A referência é ativada de acordo com os conhecimentos dos interlocutores, reportando-se a termos já mencionados anteriormente.

O termo anáfora indireta traz novas possibilidades para o processo anafórico, ao qual eram atribuídos como referentes somente os pronomes. São introduzidos termos que envolvem vários contextos. Portanto, esse elemento de coesão não perde seu objetivo de construção e progressão textual, esses apenas melhoram.

Vejamos o que falam Koch, Morato e Bentes (2013, p. 54), sobre anáfora indireta:

A *AI* (anáfora indireta) é um caso de *referência textual*, isto é, de construção, indução ou ativação de referentes no processo textual-discursivo que envolve atenção cognitiva conjunta dos interlocutores e processamento local. Uma análise detida das características centrais da *AI* mostra que ela não depende de uma congruência morfossintática nem da necessidade de reativar referentes já explicitados. (Significado de *AI* nosso).

O fato da anáfora indireta apresentar dois aspectos novos, o que envolve a cognição e a dedução através do que está escrito no texto, não deixa de ser um elemento de referência textual, no entanto, obtida por meio de análise mais profunda e não explícita no interior do texto, como no caso das anáforas diretas.

De acordo com o que dissemos acima, temos o que diz Schwarz (*apud* KOCH, MORATO e BENTES, 2013, p. 58):

No caso da *anáfora indireta* trata-se de expressões definidas que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões da estrutura textual precedente e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global.

A anáfora indireta exerce a função de introduzir novos referentes e, com isso, trazer uma progressão ao texto. Essa ativação de referentes se dá através da

interpretação do leitor com base em todo universo textual e não somente em palavras específicas às quais podem se reportar.

Conforme Schwarz (*apud* KOCH, MORATO e BENTES, 2013, p. 60), identificam-se as seguintes características das anáforas indiretas:

- a) A inexistência de uma expressão antecedente ou subsequente explícita para retomada, e presença de uma *âncora*, isto é, uma expressão ou contexto semântico, base decisiva para a interpretação da *AI*;
- b) A ausência de relação de correferência entre a *âncora* e a *AI*, dando-se apenas uma estreita relação conceitual;
- c) A interpretação da *AI* se dá como a *construção* de um novo referente (ou conteúdo conceitual) e não como uma busca ou reativação de referentes prévios por parte do receptor;
- d) A realização da *AI* se dá normalmente por elementos não pronominais, sendo menos comum sua realização pronominal.

Observamos que o método de se reportar a termos expressos anteriormente não está presente nas anáforas indiretas. Não há algo que faça a ligação direta entre a anáfora e o referente, o que acontece de fato é a constituição de um novo referente por meio de ativação dos conhecimentos prévios do receptor. Esse reconhecimento através da cognição do leitor é percebido por meio de pistas deixadas na superfície do texto de forma indireta.

Vejamos o exemplo para melhorar o entendimento.

(6) Hoje fui à **igreja**. **O padre** explicou muito bem o evangelho.

O sintagma nominal “O padre”, aciona um referente novo, e de certa forma está relacionado com algo dito no texto, que pode ser reativado, no caso “a igreja”, pois se entende que igreja e padre fazem parte do mesmo contexto.

De acordo com essas características, Schwarz (*apud* KOCH, MORATO e BENTES, 2013, p. 61) divide as anáforas indiretas em dois grandes tipos:

- a) os semanticamente fundados, que consistem em exigências de estratégias cognitivas fundadas em conhecimentos semânticos armazenados no léxico

(mais especificamente ligadas a âncoras lexicais precedentes) e estão vinculados a papéis semânticos;

- b) os conceitualmente fundados, que exigem estratégias cognitivas fundadas em conhecimentos conceituais baseados em modelos mentais, conhecimento de mundo e enciclopédicos e mais ligados a processos inferenciais gerais.

Os processos de anáforas indiretas citados estão subdivididos da seguinte forma:

- a) Baseado em papéis temáticos dos verbos, processo que consiste na dedução que é feita pelo leitor a partir do significado da ação do verbo ou do tema que o envolve;
- b) O processo baseado em relações semânticas inscritas nos sintagmas nominais definidos se dá, em particular, pela relação parte/todo no qual o sintagma nominal definido é ativado por uma âncora inicial.
- c) As anáforas indiretas baseadas em esquemas cognitivos e modelos mentais são memórias que estão armazenadas e servem de âncoras para relações com possíveis referentes.

Ainda sobre os subtipos, temos os processos anafóricos indiretos baseados em inferências ancoradas no modelo do mundo textual, trata-se de inferências também cognitivas, no entanto, com grau de complexidade maior do que a anterior, pois requer conhecimento de todo contexto anterior para que haja a compreensão das anáforas no texto atual.

O método anafórico indireto baseado em elementos textuais ativados por nominalizações se dão por meio da ativação por um substantivo (nome) com relação direta com o verbo, passando a ser utilizado como nome no texto. E por último, os esquemas realizadas por pronomes introdutores de referentes. Como o nome já diz, são pronomes que introduzem referentes, fazendo alusão a algo por meio da dedução do léxico.

Para melhorar nosso entendimento do que foi dito acima, vejamos o esquema segundo Koch, Morato e Bentes (2013, p. 79):

## Esquema 10: Princípio Semântico Geral

### VINCULAÇÃO REFERENCIAL

ANÁFORA  
DIRETA

ANÁFORA  
INDIRETA

REATIVAÇÃO  
DE REFERENTES

ATIVAÇÃO  
DE REFERENTES

### PRINCÍPIOS ESPECÍFICOS

referentes previamente introduzidos

conhecimentos semânticos  
conhecimentos conceituais  
modelo do mundo textual

Fonte: (KOCH, MORATO E BENTES, 2013, p. 79).

Discorreremos acima, um pouco sobre anáforas como processo de referenciação, seja de forma direta ou indireta. São, na verdade, atividades de inferências que foram ativadas cognitivamente ou não. Em especial, a anáfora indireta que ocorre por meio do processo de inferências cognitivas que dependem do léxico, da semântica e da sintaxe, para ser entendida no contexto. Serão expostas na seção seguinte mais um tipo de anáfora, as encapsuladoras.

### 1.3.3 Anáforas encapsuladoras

Inserido no processo de referenciação apresentado na seção acima, temos uma classificação que chamamos de anáfora indireta, a qual se caracteriza por se ancorar em conteúdos depreendidos pelo contexto. Cavalcante (2011, p. 73) pontua que as anáforas indiretas também podem ser concebidas como anáforas encapsuladoras, apenas com uma diferença, vejamos:

Na análise em que a referenciação está vinculada ao emprego de expressões referenciais, não é possível afirmar que a expressão encapsuladora remeta a uma outra expressão específica do contexto, ou seja, a uma âncora pontual, a que se reporta. Diz-se, então, que há uma recuperação difusa de informações e que este é o traço mais típico das anáforas encapsuladoras; é

o que lhes confere o caráter de anáfora também indireta: ser não correferencial e ter um poder de resumir informações contextuais e cotextuais.

Percebemos na citação acima que uma das características semelhantes entre os dois processos anafóricos é o fato de ambos não serem correferenciais, são introduzidos no contexto pela primeira vez, sendo assim, não se reportam a nenhum termo antecedente.

No entanto, segundo Cavalcante (2011), a diferença crucial entre as anáforas encapsuladoras e as anáforas indiretas, é o fato de aquelas terem a característica de resumir, “encapsular”, conteúdos proposicionais inteiros, precedentes e/ou consequentes. Outra característica peculiar às anáforas encapsuladoras é o fato de que elas não remetem a âncoras pontuais, específicas do contexto, ou melhor, as possíveis referências estão presentes ao longo do texto. De acordo com Cavalcante (2011, p. 74):

Toda anáfora encapsuladora é uma espécie de anáfora indireta, por também introduzir e mencionar no contexto uma expressão referencial nova, apresentada como se fosse dada, por resumir conteúdos explicitados (mas também implicados) em porções contextuais anteriores e/ou posteriores).

Temos, então, apenas a característica resumidora e a não especificação dos suportes para diferenciar as anáforas encapsuladoras das anáforas indiretas. Analisando o exemplo a seguir, temos:

#### (7) Gramática a favor da leitura e da escrita

O tempo de pedir a classificação de frases descontextualizadas ficou para trás. Aprenda como trabalhar o tema durante o estudo dos textos de diversos gêneros

Imagine-se tendo de escrever uma oração coordenada assindética e conjugar o verbo "ver" na segunda pessoa do plural do pretérito imperfeito do subjuntivo. Lembrou-se do tempo de escola? Felizmente, o objetivo das aulas de Língua Portuguesa não é mais classificar frases soltas ou apenas decorar nomenclaturas e conjugações, e sim formar leitores e escritores competentes. Para **isso**, é necessário ensinar a análise linguística do texto, que é o grande objeto de estudo. É aí que entra a gramática.

De acordo com Jacqueline Peixoto Barbosa, docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), "a gramática precisa estar a serviço das práticas de linguagem e adquirir esse conhecimento leva tempo para os alunos". Conforme eles aprendem os conceitos que regem o funcionamento da língua, vão se tornando mais críticos e conscientes das estratégias que possuem para a compreensão da leitura e se fazer entender por meio da escrita.

A maioria dos professores, porém, segue ensinando da forma tradicional, sem articular a gramática com o texto. Quem aderiu à nova concepção também enfrenta problemas, pois não aprendeu como deve ser esse trabalho. "A questão não está resolvida nem na escola nem na academia", diz Roxane Rojo, docente da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). "A análise linguística ficou restrita às características gerais de cada gênero, mas isso não basta. É preciso chegar às unidades menores."

Esse estudo minucioso não se resume à simples definição do que é verbo, sujeito e predicado, como no passado. "A adoção de uma nomenclatura, em qualquer campo de saber, não deve ter como fim o seu próprio aprendizado. Mas saber nomear as partes do texto de acordo com a função que exercem nele facilita sua descrição e análise", explica Juanito Ornelas de Avelar, professor da Unicamp e autor do material do programa Rede São Paulo de Formação Docente (Redefor).

Fonte: (Revista Nova Escola. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/gramatica-favor-leitura-escrita-lingua-portugues-697700.shtml>> Acesso em: 28 de junho de 2014.

O uso das anáforas encapsuladoras destacadas no texto supracitado aponta uma das suas características que as diferenciam das anáforas indiretas, que é o caráter resumidor presente nos termos. A palavra **isso**, destacada no texto, remete aos termos anteriores "formar leitores e escritores competentes", estando presente de forma resumida em **isso**. Da mesma forma aparecem os outros termos destacados no texto.

O ponto de partida para trazermos à discussão a questão das anáforas encapsuladoras foi o que versa Cavalcante em seu livro *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Porém, outros autores também comentam sobre esse processo de

referenciação, por exemplo, Conte (*apud* CAVALCANTE, RODRIGUES e CIULA, 2003, p. 178):

O encapsulamento anafórico pode ser definido no seguinte modo: é um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto. Esta porção de texto (ou segmento) pode ser de extensão e complexidade variada (um parágrafo inteiro ou apenas uma sentença).

A citação acima conceitua as anáforas encapsuladoras como um elemento coesivo representado por um sintagma nominal com o objetivo de resumir, logo, trata-se de algo que pode ser compreendido através de elementos presentes no contexto. E torna-se referente, pois o que foi resumido é esmiunçado posteriormente no decorrer do texto.

O exemplo citado anteriormente aponta o pronome demonstrativo **isso** como anáfora encapsuladora, não generalizando, mas esses processos anafóricos tendem a ser apresentados por meio dos demonstrativos. Isso porque, estes servem como pista ao leitor para descobrir o termo ao qual o anafórico está se referindo. Além disso, as anáforas encapsuladoras rotulam os termos resumidos por ela com objetivos determinados para a compreensão.

Outra característica importante das anáforas encapsuladoras é o fato de estas exercerem a função de organizadoras do texto, pois, para Conte (*apud* CAVALCANTE, RODRIGUES e CIULA, 2003, p. 184), a apresentação do encapsulamento aparece frequentemente no ponto inicial de um parágrafo, isso funciona como um princípio organizador na estrutura discursiva.

#### **1.3.4 Dêixis**

O termo dêixis refere-se à ideia, de acordo com a etimologia da palavra, de apontar, de mostrar, de indicar elementos fisicamente presente nas situações de fala ou a lugares e tempos que são situados a partir da interação situacional. Através da dêixis é realizada uma espécie de ancoragem mediante a função que ela exerce na enunciação, e é sob essa perspectiva que trataremos neste item, isto é, sobre o processo dêitico como referenciação.

Para Cornish (*apud* MARCUSCH 2005), por exemplo, a dêixis, serve prototipicamente para deslocar o foco de atenção do endereçado de um objeto de

discurso existente para um novo, derivado pela via do contexto situacional do enunciado. Seria uma espécie de apontamento no qual o foco do discurso toma a direção para outro elemento (pessoa), mas, que com isso a compreensão permaneça de acordo com o contexto situacional.

Outros autores concordam com isso. Bosch (*apud* CAVALCANTE, RODRIGUES e CIULA, 2003, p. 68), por exemplo, diz que há dêixis quando a expressão tem por objetivo deslocar o campo de atenção para um referente, e o mesmo autor diferencia dêixis de anáfora dizendo que esta somente mantém o referente no campo de atenção.

Outra característica peculiar da dêixis é que ela se estabelece nas relações de lugar, tempo ou pessoa, no momento da anunciação, de modo que seu papel de referente se fundamenta em um referencial e não em possíveis significados.

Segundo Apothéloz (*apud* CAVALCANTE, RODRIGUES e CIULA, 2003, p. 69), dêixis textual são expressões como, mais *acima*, *abaixo*, *no próximo capítulo*, *aqui*, etc., que determinam, no próprio texto, os lugares ou momentos em que estas fórmulas serão utilizadas e não o lugar e o tempo em que foi proferida pelo autor do texto.

Dessa maneira, para analisarmos esse tipo de situação supramencionada, temos que observar os referentes desse discurso, isto é, o enunciador, levando em consideração o lugar e o tempo no qual ele se encontra. Seguindo esse princípio, Cavalcante (2011, p. 93) pontua o seguinte: quando mudam as circunstâncias, alterando-se os participantes da comunicação e o tempo/espço em que se situam, modificam-se os referentes dessas formas dêiticas.

A utilização dessas formas dêiticas, segundo Cavalcante, implica na referência da situação na qual o enunciado é elaborado, isto é, as pessoas, o tempo, o espaço, tudo isso na superfície textual. Sendo assim, vejamos sucintamente cada um desses pontos, segundo a autora.

- a) Os dêiticos pessoais são as expressões que identificam os interlocutores na situação de comunicação, por exemplo, os pronomes pessoais e os possessivos.

(7) Quanto **eu** disser não ouças,  
quanto **eu** fizer não vejas;  
e, se **eu** estender as mãos,



não **me** estendas as **tuas**.

Aceita que **eu** exista como os sonhos  
que ninguém sonha,  
as imagens malditas que no espelho  
são noite irrefletida

Talvez que então  
da pura solidão  
**eu** desça à vida.

Fonte: (J. Sena, Fidelidade. Disponível em:  
<<http://apoioptg.blogspot.com.br/2007/06/deixis.html>> Acesso em: 04 de julho de 2014.

Os pronomes pessoais **eu** e **tu** destacados no poema acima são dêiticos por essência, pois remetem aos sujeitos da enunciação.

- b) Os dêiticos de tempo são os que situam o ponto de origem do falante no momento em que a mensagem é enunciada. A partir de expressões adverbiais circunstanciais. Vejamos o exemplo:

(08) A seleção brasileira na Copa do Mundo

Realizada **desde 1930**, a maior competição do futebol mundial vai tomar conta do país **a partir de junho**. Conheça a história do torneio e a participação do Brasil no campeonato.

Paixão nacional, o futebol não deve ficar restrito às quadras e ao horário do recreio durante a competição. **Passados 80 anos** desde o primeiro campeonato, não faltam histórias sobre o torneio vencido cinco vezes pelo Brasil.

A Fifa, Federação Internacional de Futebol, propôs a competição. No entanto, a ideia não despertou o interesse de nenhum país. Uma nova tentativa foi feita **nove anos depois**, mas nem desta vez o campeonato mundial emplacou, por causa da Primeira Guerra Mundial, que estava começando e se estenderia por quatro anos.

[...]

Por causa da Segunda Guerra Mundial, a competição ficou suspensa **por 12 anos**. Os países europeus ainda sofriam os efeitos do conflito e o Brasil foi a sede do evento. Jogando em casa, nossa equipe fez ótima campanha e chegou à final contra o Uruguai precisando apenas de um empate. Mas, em pleno Maracanã, diante de 200 mil torcedores, a seleção canarinho fracassou.

[...]

**Depois de 24 anos** de jejum, nosso time levantou a taça pelo tetracampeonato após uma emocionante disputa de pênaltis contra a Itália, nos Estados Unidos.

[...]

Fonte: (Revista Nova Escola. Disponível em:

<<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/selecao-brasileira-copa-mundo-533401.shtml>>

Acesso em: 04 de julho de 2014.

Todos os termos destacados no fragmento acima estão se referindo a um único identificador, a trajetória da seleção brasileira na copa do mundo. Observe que a expressão **a partir de junho**, destacada no texto, não é uma expressão temporal exata, prejudicando o entendimento do texto. No entanto, nota-se que é necessário saber a época da publicação do artigo: 20 de maio de 2014, para que o leitor compreenda melhor o texto.

- c) Os dêiticos de espaço são os elementos que pressupõem o lugar em que se situa o falante e seu interlocutor no ato comunicativo.

(09) — Vamos até **ali**... — convidou, implorativo, o Leonel, perdido pela namorada.

— **Ali**, aonde? — perguntou ela, sem forças para resistir.

— **Ali adiante**...

Fonte: (M. Torga, *Novos Contos da Montanha*. Disponível em:

<<http://apoioptg.blogspot.com.br/2007/06/deixis.html>> Acesso em: 04 de julho de 2014.

Não podemos generalizar e afirmar que todas as expressões espaciais são dêiticas, estas podem ser caracterizadas somente como as que situam o lugar em que está o enunciador, como em (09).

- d) Os dêiticos textuais são os que se orientam pela posição do último enunciado no contexto, podendo indicar um referente pontual.

(10) É comum encontrar circulando no rádio, na TV, nas revistas, nos jornais, temas polêmicos que exigem uma posição por parte dos ouvintes, espectadores e leitores, por isso, o autor geralmente apresenta seu ponto de vista sobre o tema em questão através do artigo de opinião.

É importante estar preparado para produzir **esse** tipo de texto, pois em algum momento poderão surgir oportunidades ou necessidades de expor ideias pessoais através da escrita.

Nos gêneros argumentativos, o autor geralmente tem a intenção de convencer seus interlocutores e, para **isso**, precisa apresentar bons argumentos, que consistem em verdades e opiniões.

O artigo de opinião é fundamentado em impressões pessoais do autor do texto e, por isso, são fáceis de contestar.

Fonte: (Revista Nova Escola. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/redacao/artigo-opiniao.htm>> Acesso em: 04 de julho de 2014.

Em (10) os pronomes demonstrativos **esse e isso** destacados remetem pontualmente, no contexto, ao **artigo de opinião e vencer seus interlocutores**, respectivamente, promovendo, assim, uma importância para os seus referentes.

Exemplificamos acima os processos mais comuns de dêixis, dentre os quais os três primeiros estão diretamente relacionados ao enunciador como ponto de partida, destacando em que momento e lugar ele está situado.

Verificamos em (10) que a dêixis pode ser também classificada como textual, se remete a referentes presentes na superfície textual. Ciulla (2008), em sua tese, aponta como dêixis outras classificações, por exemplo, a dêixis de memória e social. Iremos nos ater somente as dêixis que foram citadas e exemplificadas acima, por se tratarem de estudos voltados para o ensino fundamental II.

Assim, neste capítulo discutimos sobre as concepções de texto, sobre o processo de referenciação e seus elementos. E, dentro desse campo, selecionamos as anáforas diretas a fim de apresentarmos uma proposta de intervenção para trabalharmos com os alunos do 9º ano do ensino fundamental, com o objetivo de levar

o aluno a entender que os elementos referenciais encadeiam as ideias no texto e ajudam na construção de sentido.

## 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS E PROPOSTA DE INTERVEÇÃO

### 2.1 Aspectos Metodológicos

Discorreremos aqui sobre a metodologia que utilizamos durante nossa pesquisa. Este trabalho se adéqua a uma pesquisa bibliográfica qualitativa, pois buscamos um conhecimento a mais sobre o que consiste o processo de referenciação na produção textual, como esse processo acontece, sobre qual aspecto, de que forma a referenciação ajuda na progressão de um texto, quais os equívocos que são evitados na produção textual com a utilização de determinados referentes, quais os tipos de processos de referenciação etc.

Antes disso, procedemos da seguinte forma: observamos em nossa prática docente que, no que diz respeito à produção textual dos alunos, de modo geral os do 9º ano do ensino fundamental, referem-se a termos já mencionados anteriormente no texto. Percebemos que há uma falha no processo de referenciação, são utilizados apenas os pronomes para se reportar a algo que foi mencionado.

Por isso, pesquisamos sobre o tema em questão, de forma a descrevermos o que pensam alguns autores que discorrem sobre o assunto, a fim de nos aprofundarmos e detalharmos o objeto em questão, descrito tal como foi apresentado pelos autores, somente com algumas ressalvas, posicionando-nos sobre qual linha (princípio) seguir depois da análise do arcabouço teórico. Isso foi feito sempre observando esse referente teórico sob a perspectiva da produção textual de qualidade.

Em se tratando ainda da escolha do assunto, optamos pelo processo de referenciação por se tratar de um tema pouco desenvolvido no ensino fundamental, apesar de ser relevante para produção coesa de um texto.

De posse da análise de todo referencial teórico, observamos como é tratado o processo de referenciação no que diz respeito a anáforas diretas e indiretas, anáfora encapsuladoras e dêixis, tendo como princípio o que diz Cavalcante (2011). Antes discorreremos sobre outras questões como: concepções de texto e coesão, sob a luz de alguns autores como: Marcuschi (2008 e 1983) e Koch (2013 e 2015).

Sendo assim, nossa pesquisa se adéqua, quanto à forma, como exploratória<sup>2</sup>, pois observamos referências diversas, com o objetivo de nos apropriarmos de novos conhecimentos para, em seguida, propor intervenções metodológicas a serem trabalhadas nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental II.

Após se exaurir a fase de embasamento teórico, organizamos uma proposta de intervenção metodológica que consiste em trabalhar um dos elementos que envolvem o processo de referenciação, as anáforas diretas, que segundo Marcuschi 2005, citado anteriormente na seção que fala sobre Anáfora Direta, é uma espécie de substituição do elemento por ela retomada, estabelecendo um processo de reativação de referentes prévios, isto é, retoma os termos já introduzidos no texto.

Para tanto, apresentamos um trabalho a ser desenvolvido a partir das novas tecnologias no que diz respeito ao acessório pedagógico muito conhecido do professor, mas apresentado aqui de maneira reformulada: a lousa digital/quite multimídia.

Utilizaremos a lousa digital/quite multimídia como recurso em nossa intervenção metodológica, porque esse instrumento se adéqua ao tema que será desenvolvido. Esse recurso proporciona, dentre outras coisas, a interatividade entre o aluno e o conhecimento.

Na proposta em questão, a visualização que a lousa/quite multimídia apresenta faz com que haja uma passagem do abstrato para o concreto. Em outras palavras, o referente antes apresentado no campo hipotético, passa a ser visualizado, com riqueza de detalhes, por meio das imagens, com um simples toque ou clique. Além disso, possibilita-se ao aluno autonomia para entender o processo de referenciação, o qual passará a ter um significado real para o discente.

Tem-se, com esse recurso, a possibilidade de utilização simultânea de vários referentes, e de observar qual se adéqua melhor ao contexto. É nesse sentido que oportunizamos a interatividade com o conhecimento, bem como sua autonomia.

Muito se fala, em meio ao mundo tecnológico no qual estamos imersos, em práticas pedagógicas diferenciadas. Os métodos tradicionais de ensinar não

---

<sup>2</sup> Conceito discutido por Gil: “a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses”. (GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.)

contemplam os anseios dos nossos alunos nem os nossos, enquanto professores. Embora as novas tecnologias favoreçam novos caminhos, elas não se sobrepõem a algumas práticas tradicionais que são de grande valia para o ensino.

Desse modo, Araújo (2013, p. 01-02) afirma:

a partir da introdução das Tecnologias da Informação e Comunicação, (doravante TIC), passou-se a se falar demasiadamente em novas estratégias de ensino das quais façam parte tanto os alunos quanto os professores estabelecendo uma relação de criatividade e autonomia.

De acordo com o Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia educacional – PROINFO, do Ministério da Educação, os primeiros trabalhos feitos no Brasil, utilizando as tecnologias como parte do processo de ensino-aprendizagem surgiram no final de 1980.

Nesse período de introdução das TIC na educação, consta (TORNAGHI, PRADO e ALMEIDA, 2010, p. 143) que, em específico, o computador, era utilizado sob duas perspectivas: a instrucionista, em que o aparelho é usado para ensinar; e a construcionista, na qual o aluno constrói o conhecimento através do computador. Não cabe aqui ponderarmos sobre as duas vertentes, mas esclarecer que em nossa proposta de intervenção utilizaremos a perspectiva construcionista, pois o objeto de aprendizagem (lousa digital/quite multimídia) possibilitará que o aluno observe e construa o seu próprio conhecimento.

À medida que as TIC foram trazidas para o processo de ensino-aprendizagem escolar como um recurso no processo educativo, várias expectativas foram geradas nos alunos e nos professores de como utilizar essa tecnologia. Mas em que consistem as TIC?

A *Revista Info Escola Navegando e Aprendendo* apresenta a seguinte assertiva sobre as TIC: “pode ser definida como um conjunto de recursos tecnológicos, utilizados de forma integrada, com um objetivo comum.” Percebemos que se trata de um conceito amplo, mas pode perfeitamente se adequar a nossa realidade, no que concerne ao processo de ensino aprendizagem.

Como mencionamos anteriormente, trabalharemos com a lousa digital. Esse instrumento será utilizado como objeto de aprendizagem, sendo de fundamental importância tanto para os alunos quanto para os professores, pois ambos estão imersos a esse meio tecnológico que tanto é difundido atualmente.

A lousa digital é um instrumento que possibilita aulas interativas e que destacam os elementos estudados, apesar de ser uma ferramenta pouco disponível nas escolas, por ter um custo elevado. Quando mencionamos que a utilização da lousa digital proporciona aulas interativas é porque esta possibilita a participação do aluno na construção do ensino por meio do manuseio da máquina no momento da exploração do conteúdo.

Em nossa proposta de intervenção, a utilização da lousa digital/quite multimídia é de fundamental importância no que diz respeito à interatividade que essa ferramenta proporciona ao aluno no momento da aquisição do conhecimento. A descoberta do conhecimento pelo aluno através da visualização na lousa/quite multimídia é o ponto principal desse instrumento tecnológico.

Grande parte dos trabalhos realizados com a lousa digital foi desenvolvida pelo GPIMEM<sup>3</sup> e aos poucos o seu uso está sendo disseminado o seu uso nas salas de aulas.

De acordo com Gomes, (2010, p. 61):

A lousa digital interativa é um recurso tecnológico que possibilita o desenvolvimento de atividades pedagógicas, fazendo uso de imagens, textos, sons, vídeos, páginas da internet, dentre outras ferramentas, cujo quadro tem o tamanho aproximado de setenta e oito polegadas, que deve necessariamente estar ligada a uma unidade central de processamento (CPU) do computador, o qual deverá estar conectado a um projetor multimídia.

Desse modo, entendemos que a lousa digital constitui um instrumento tecnológico que faz uso de diferentes ferramentas com o objetivo de proporcionar uma metodologia de ensino dinâmica e interacional. Tem-se, também, a possibilidade de controlar a abertura de vários *links*, a retirada de imagens, dentre outras. Essa autonomia pode ser repassada aos alunos, como dito anteriormente, no momento da

---

<sup>3</sup> Grupo de Pesquisa em Informática, outras mídias e Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – Rio Claro.



aprendizagem. No entanto, o uso dessa ferramenta tecnológica não deve se sobrepor às estratégias pedagógicas no processo de elaboração das aulas do professor.

Existem vários modelos de lousa digital, mas a maioria deles é composta por: um receptor ou tela digital interativa, um computador, um projetor, e uma caneta digital se a tela não for sensível ao toque. Como vemos na figura abaixo:

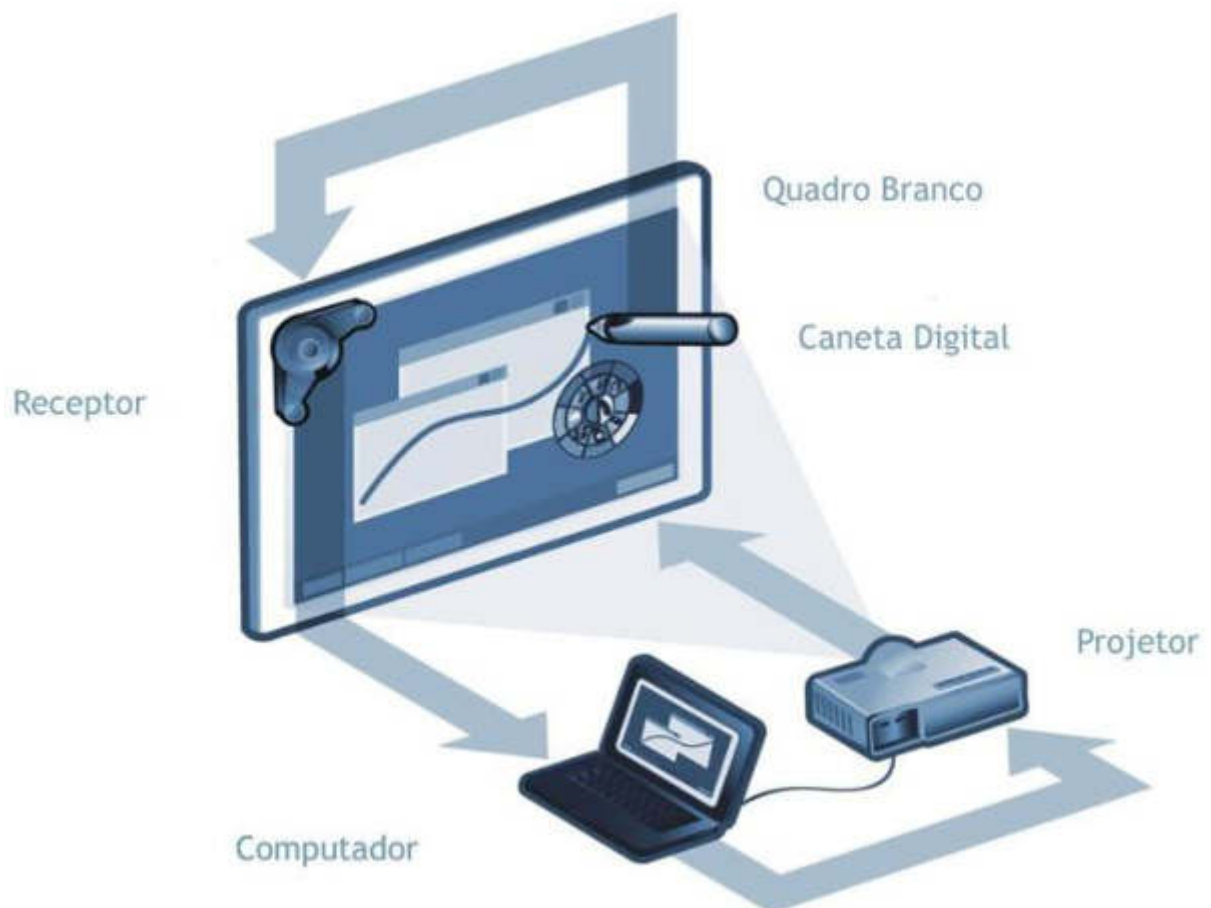


Imagem 1 – Lousa Digital

Fonte: Disponível em: <<https://professordigital.files.wordpress.com/2012/07/funclousadigital.jpg>>. Acesso em: 26 de março de 2015.

Para utilização desse instrumento são várias as possibilidades, vai depender do planejamento que o professor elaborar com esse recurso tecnológico em suas aulas, por exemplo, anotar, desenhar, abrir páginas da internet, expor textos, vídeos, músicas, além de fazer uso de todas as funcionalidades que dispõe no computador.

Conforme Nakashima, (2008, p. 32):

A lousa digital se destaca por ser uma ferramenta que integra os principais recursos multimídia que contribuem para a elaboração de aulas mais dinâmicas e interessantes. O mais importante, porém, é a metodologia do professor, isto é, a articulação das potencialidades da lousa digital com a sua prática pedagógica.

Nesse sentido, os benefícios desse recurso metodológico para o ensino-aprendizagem são muitos, só vai depender da criatividade do professor na projeção dos conteúdos e nas várias possibilidades de elaboração de materiais didáticos para suas aulas.

Para nosso trabalho, especificamente, utilizaremos esse instrumento porque possibilita a visualização das anáforas e quais são seus respectivos referentes. Dessa forma, o aluno deixará o campo das hipóteses e passará para algo mais concreto e dinâmico com apresentação mais direta dos referentes.

## 2.2 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Na seção anterior apresentamos nossas opções metodológicas para elaboração da proposta de intervenção para trabalharmos o tema anáfora direta com os alunos do 9º ano do ensino fundamental. Vejamos a seguir, a sugestão de como trabalhar o tema citado, utilizando com instrumento de aprendizagem, a lousa digital, ou adaptação para o quite multimídia.

### 1. Orientações ao Professor

Caro professor,

a proposta de atividade que ora apresentamos aborda um dos elementos que envolvem o processo de referenciação, as **anáforas diretas**, que, segundo Marcuschi (2005, p. 53), são uma espécie de substituição do elemento por ela retomada, estabelecendo um processo de reativação de referentes prévios, isto é, retoma os termos já introduzidos no texto.

Para trabalharmos esse conteúdo, utilizaremos como aporte tecnológico a Lousa Digital Interativa ou quite multimídia, com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, que já tenham a noção sobre em que consiste o processo de referenciação e que saibam identificar no texto os referentes.

### 2. Modalidade:

9º ano do Ensino Fundamental.

### 3. Objetivos:

- Identificar as anáforas diretas;
- Saber que os elementos referenciais (anáfora direta) encadeiam as ideias no texto, tornando-o coeso e com determinado sentido;

### 4. Duração da Atividade:

02 aulas.

## 5. Orientação para o Desenvolvimento da Atividade

O professor utilizará como apoio pedagógico para esta atividade, a Lousa Digital Interativa ou quite multimídia, pois com a visualização das anáforas que será proporcionada por esse recurso, o aluno deixará o campo das hipóteses e passará para algo mais concreto e dinâmico com apresentação mais direta dos referentes.

*A priori*, o docente apresentará o texto “**Cristiano Ronaldo passa Shakira e vira o mais popular do Facebook**”, para trabalhar com os alunos os referentes destacados que apresentará no suporte. Poderá ser utilizado da seguinte forma:

Inicie a aula apresentando o texto na lousa digital e, junto com os alunos, apresentar os referentes através das imagens expostas na lousa digital/quite multimídia. Segue o texto:

### **Cristiano Ronaldo passa Shakira e vira o mais popular do *Facebook***

A popularidade de **Cristiano Ronaldo** é algo fora do normal. Eleito o melhor jogador do mundo, **o português** também é o número 1 no *Facebook*. Agora, **o astro** está em primeiro lugar no ranking de pessoas com mais seguidores na rede social.

Em sua conta oficial, CR7 tem 107.138.335 milhões de seguidores, superando o lugar que pertencia a Shakira, que era a primeira até então e tem 107.082.560.

Vale destacar que **o camisa 7 do Real Madrid** já era o esportista mais famoso da rede. Agora, **ele** é o maior do mundo no quesito.

Como não poderia deixar de ser, Ronaldo sempre tem que ser comparado a Lionel Messi. Se há divergências no futebol, no mundo virtual não há o mínimo de equilíbrio. *O argentino* tem uma conta com 78 milhões de seguidores, número bem inferior em relação **ao português**.

Fonte: Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2015/03/17/cristiano-ronaldo-passa-shakira-e-vira-o-mais-popular-do-facebook.htm>>. Acesso em: 17 de março de 2015.

Professor, explique aos alunos qual referente é introduzido no texto e quais os que se reportam a ele. Com a ajuda das imagens (referente apresentado nas

imagens), também expostas na lousa/quite multimídia, o professor explicará cada palavra destacada, informando a qual referente se reporta (manuseando as imagens na lousa digital/quite multimídia). Faça também a substituição dos referentes na superfície do texto e levante os seguintes questionamentos: sugestão.

- Por que Cristiano Ronaldo foi considerado o número 1 do *facebook*?
- Qual palavra poderia substituir a palavra **o português**?
- Mudaria o sentido do texto? Por quê?
- Por que escolhemos essa palavra?
- Qual palavra está introduzindo outro referente no texto?
- Quais referentes se reportam a elas?

Feito isso, exponha na lousa digital a seguinte explicação:

**Anáfora Direta**, retoma algo que já foi mencionado no texto estabelecendo uma correlação entre o elemento antecedente e o termo anafórico, tornando-se um processo de reativação de referentes prévios. Ou melhor, as anáforas diretas têm a função de reativação de referentes anteriormente introduzidos. (Cf. MARCUSCHI, 2005, p. 37).

Sugestão de atividade:

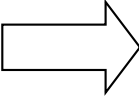
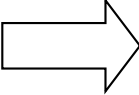
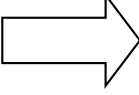

Proponha a seguinte atividade aos seus alunos: lance uma nuvem de palavra na lousa digital/quite multimídia e, a partir dessas palavras, os alunos elaborarão um texto e depois explicarão (oralmente ou por escrito) o uso dos referentes que utilizaram. Essa atividade pode ser feita em dupla.

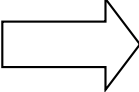
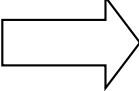
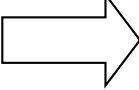
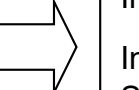
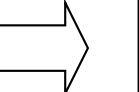
Professor, esperamos que a proposta apresentada seja aproveitada nas aulas de Língua Portuguesa. Essa intervenção metodológica pode ser adaptada para outras séries abrangendo as demais constatações postas na teoria. Nas páginas seguintes, apresentamos uma sugestão com o passo-a-passo da utilização dessa proposta de intervenção.

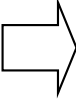
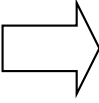
Bom trabalho!

### 2.3 SUGESTÃO PARA USO DA LOUSA DIGITAL/QUITE MULTIMÍDIA

Segue abaixo o roteiro da aula sobre anáfora direta, a qual utilizamos como instrumento de aprendizagem a lousa digital ou quite multimídia. Temos então o passo-a-passo da intervenção metodológica.

FALA	TEXTOS E IMAGENS
<p>Você sabia que quando escrevemos um texto nós nos referimos a certas palavras de várias maneiras?</p>	 <p>Iniciar com o primeiro parágrafo do texto. “<i>Cristiano Ronaldo passa Shakira e vira o mais popular do Facebook</i>”. Na primeira frase aparece o nome Cristiano Ronaldo e quando clicamos nele, surge a imagem. Destacar a imagem do nosso referente, Cristiano Ronaldo.</p>
<p>Pois é, podemos observar que o referente Cristiano Ronaldo é repetido várias vezes, mas com palavras diferentes que se referem especificamente a Cristiano Ronaldo.</p>	 <p>Continuar com a leitura do texto. Agora comparando a imagem de Cristiano Ronaldo, apresentada anteriormente, com a do português e o astro, que também se referem a Cristiano Ronaldo.</p>
<p>Vejam o restante do texto. Sempre fazendo referência às palavras e imagens ao primeiro termo introduzido, no caso Cristiano Ronaldo.</p>	 <p>Imagem do Camisa 07 do Real Madri, ele e o português.</p>
<p>Depois disso vamos ler novamente o mesmo texto só que sem a diversidade de referentes.</p>	 <p>Imagem do texto sem <i>hiperlink</i>.</p>

<p>Qual a diferença entre os dois textos?</p> <p>Qual palavra poderia substituir a palavra <b>o português</b>?</p>	 <div data-bbox="892 264 1465 477" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Voltar ao texto inicial e novamente mostrar a imagem da palavra <b>o português</b>. E substituir pôr <b>o lusitano</b>.</p> </div>
<p>Essa substituição de palavras mudaria o sentido do texto?</p> <p>Por quê?</p>	 <div data-bbox="892 568 1465 736" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Imagem da palavra <b>o português</b> no texto com <i>hiperlink</i>.</p> </div>
<p>Por que escolhemos a expressão <b>o lusitano</b> para substituir <b>o português</b>?</p>	 <div data-bbox="892 819 1465 1021" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Imagem de uma pessoa com característica portuguesa.</p> </div>
<p>Qual palavra está introduzindo outro referente no texto?</p> <p>Quais referentes se reportam a ela?</p>	 <div data-bbox="833 1117 1501 1301" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Imagem do Lionel Messi. Imagem do jogador com a camisa da Seleção Argentina.</p> </div>
<p>Então, voltando ao texto. Quais palavras se referem a Cristiano Ronaldo?</p>	 <div data-bbox="871 1447 1514 1675" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Imagem de Cristiano Ronaldo, do português e o astro. Imagem do Camisa 07 do Real Madri, ele e o português.</p> </div>

<p>Podemos concluir, que à retomada de algo que já foi mencionado no texto estabelecendo uma correlação entre o elemento antecedente e o termo anafórico, podemos chamar de anáfora direta.</p>	 <div data-bbox="810 297 1517 499" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"><p>Imagem de Cristiano Ronaldo no centro e a do português, o astro, do Camisa 07 do Real Madri, ele e o português ao redor.</p></div>
<p>Vejamos o conceito.</p>	 <div data-bbox="906 701 1522 813" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"><p>Mostrar o slide com o conceito de Anáfora Direta.</p></div>



## 2.4 Considerações Finais

O objetivo da nossa pesquisa foi discutir sobre as teorias produzidas em torno do vasto tema que é o processo de referenciação na produção textual. Com base nessa discussão, elaboramos uma proposta de intervenção na qual trabalhamos com os estudo da anáfora direta.

Nosso primeiro passo foi definir qual perspectiva de texto utilizaríamos em nossa análise. Grosso modo, texto ou discurso é um evento social com propósito comunicativo que envolve elementos linguísticos devidamente encadeados. Partindo desse princípio, de que o texto abrange a comunicação e o social, tem-se a presença de dois elementos, o autor e o leitor os quais interagem no momento da conversação. O leitor por sua vez, traz suas contribuições cognitivas oriundas das experiências deste com o conhecimento de mundo. Surgindo, então, os fatores pragmáticos do texto. No que diz respeito aos elementos linguísticos, esses devem estar dispostos no texto de forma coesa.

Sobre isso, percebemos que coesão é a maneira como os elementos linguísticos estão encadeados na superfície do texto em busca de um todo com sentido. Nessa perspectiva, Koch (2013) aponta duas possibilidades de coesão textual a fim de alcançar esse sentido. São elas: a coesão remissiva/referenciação e a sequenciação. A primeira está voltada para o emprego do léxico na retomada de referentes; e a segunda refere-se ao efeito de sentido no texto.

Apresentamos a existência de formas coesivas referenciais de algo que já foi dito e está apenas sendo retomado no texto. Há também as coesões em que os referentes não estão expressos na superfície do texto, e são compreendidos pelas inferências do leitor.

Seguindo esse princípio, Koch (2013) nomeia esse fenômeno como anáfora semântica ou anáfora profunda.

Mostramos um breve conceito sobre o que é referente. Segundo alguns autores mencionados neste trabalho, referente é algo abstrato, acostado ao cognitivo do leitor, e pode se relacionar a tal coisa de acordo com as variáveis que lhes são postas. Esse “se relacionar” está para fazer referência, que pode ser algo presente no texto, a chamada referência endofórica, ou quando a retomada se dá com elementos da situação comunicativa, a referência exofórica.

Constatamos que na referência textual endofórica há duas situações: as anáforas e as catáforas.

Entendemos que esses elementos de coesão fazem parte de uma estrutura maior, o processo de referenciação, isto é, a relação entre o dito e também algo que ainda não foi dito. Esse processo está em constante evolução, pois depende do contexto no qual está inserido. É utilizado como a introdução de algo, como retomada de algo mencionado. Esse último pode ser de forma direta (anáforas diretas) ou indiretas (anáforas indiretas).

Identificamos que anáfora direta é a retomada de expressões, enunciados, conteúdos ou contextos já mencionados. Essa retomada se dá de forma direta e contribui para a continuidade e a progressão textual.

Oposta a esse processo temos as anáforas indiretas que não necessariamente são feitas retomadas de referentes explícitos no texto. E sim a ativação de novos referentes, os quais são identificados no texto através de inferências cognitivas do leitor.

Vimos que anáfora encapsuladora, segundo Cavalcante (2011), tem o caráter de anáfora indireta, pois não remete a outra expressão pontual no texto, mas, além disso, ela recupera uma informação ao passo que resume os conteúdos explícitos ou não anteriormente.

Mostramos que dêixis aponta elementos presentes na situação da fala ou a lugares e tempos. As formas dêiticas de referência vai depender da situação na qual o enunciado é elaborado. Os dêiticos podem ser: pessoais, de tempo, de espaço e textuais.

Consideramos, portanto, que o processo de referenciação está imerso em um vasto campo teórico que envolve vários aspectos, por exemplo, anáforas diretas, anáforas indiretas, anáforas encapsuladoras, dêixis, dentre outros que não citamos nesses escritos. Todos esses subprocessos são maneiras de nos referirmos a algo que já foi mencionado ou não na superfície do texto, de forma que empregados corretamente colaboram para progressão textual coesa.

Buscamos fazer uma ponte entre os pontos apresentados na teoria e a prática em sala de aula. Para tanto, trouxemos a proposta de intervenção a fim de trabalharmos a anáfora direta com os alunos do 9º ano do ensino fundamental.

Como instrumento de aprendizagem, utilizamos a lousa digital, pois esse recurso proporciona a interatividade do aluno com o conhecimento, além de

apresentar o conteúdo, que até então é abstrato, como algo concreto e dinâmico. Essa proposta pode ser adaptada para o ensino médio, abrangendo as demais constatações postas na teoria.

As ideias aqui apresentadas são úteis tanto para estudos teóricos, pois o processo de referenciação é um campo de pesquisa muito grande e possível de novas descobertas, quanto para utilização da proposta de intervenção metodológica pelos professores de língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. *A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANTUNES, Irlandé. *Análise de Textos Fundamentos e Práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.
- ARAÚJO, Nukácia M. S. *A avaliação de objetos de aprendizagem para o ensino de língua portuguesa: análise de aspectos tecnológicos ou didático pedagógico?* In: ARAÚJO, Júlio; ARAÚJO, Nukácia. *Ead em tela: docência, ensino e ferramentas digitais*. Campinas: Pontes, 2013.
- BENTES, Anna Christina. LEITE, Marli Quadros (Org.). *Linguística de Texto e Análise da Conversação panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.
- BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: —. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto. 2014.
- \_\_\_\_\_. M. M.; RODRIGUES, B. B. e CIULLA, Alena. (Org.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Linguística textual: retrospecto e perspectiva*. São Paulo: Alfa, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A coesão textual*. 3. ed. São Paulo, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à linguística textual trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2015.
- \_\_\_\_\_, MORATO, E. M.; BENTES, A. C. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- \_\_\_\_\_. *A linguística do texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPE, 1983.

\_\_\_\_\_. *A Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras*. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, A. C. (Org.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2010.

NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz. *A linguagem interativa da lousa digital e a teoria dos estilos de aprendizagem*. Campinas, SP. 2008.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TORNAGUI, A. J. C. PRADO, M. E. B. B. ALMEIDA, M. E. B. *Tecnologias na Educação: ensinado e aprendendo com as TIC*. Brasília. 2010.

PERIÓDICOS. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufes.br/percursos/article/download/1188/890>>. Acesso em: 20 de maio de 2014.

Disponível em: <<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/recen039.htm>>. Acesso em: 01 de junho de 2014.

REVISTA NOVA ESCOLA. Disponível em:

<<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/rubem-braga-maior-cronista-brasileiro-seculo-20-730755.shtml>>. Acesso em: 28 de junho de 2014.

REVISTA NOVA ESCOLA. Disponível em:

<<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/gramatica-favor-leitura-escrita-lingua-portugues-697700.shtml>>. Acesso em: 28 de junho de 2014.

REVISTA NOVA ESCOLA. Disponível em:

<<http://apoioptg.blogspot.com.br/2007/06/deixis.html>>. Acesso em: 04 de julho de 2014.

Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2015/03/17/cristiano-ronaldo-passa-shakira-e-vira-o-mais-popular-do-facebook.htm>>. Acesso em: 17 de março de 2015.

Disponível em: <<https://professordigital.files.wordpress.com/2012/07/funcloisadigital.jpg>>. Acesso em: 26 de março de 2015.

REVISTA NOVA ESCOLA. Disponível em:

<<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/selecao-brasileira-copa-mundo-533401.shtml>>. Acesso em: 04 de julho de 2014.

REVISTA NOVA ESCOLA. Disponível em:

<<http://www.brasilecola.com/redacao/artigo-opiniao.htm>>. Acesso em: 04 de julho de 2014.

Revista *Info Escola Navegando e aprendendo*. Disponível em:

<http://www.infoescola.com/informatica/tecnologia-da-informacao-e-comunicacao/>

Acesso em: 26 de março de 2014.

CIULLA, E. Silva. Disponível em:

<[http://www.atilf.fr/IMG/pdf/theses/These\\_CiullaESilva\\_Alena\\_2008.pdf](http://www.atilf.fr/IMG/pdf/theses/These_CiullaESilva_Alena_2008.pdf)>. Acesso em: 21 de junho de 2014.

FILHO, Valdinar Custódio. Disponível em:

<<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp019675.pdf>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2015.

ALVES, Antonia Suelle de Souza. Disponível em:

<<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp117887.pdf>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2015.

GOMES, E. M. *Desenvolvimento de atividades pedagógicas para a educação infantil com a lousa digital interativa: uma inovação didática*. Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000785983>.

Acesso em 26 de março de 2015.

REVISTA LETRAS E LETRAS: J. Cândido Martins, 01/08/1996, disponível em:

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/recen039.htm>.